Quinta-feira, 16 de outubro de 2025 I Série — Número 25

DIÁRIO da Assembleia da República

XVII LEGISLATURA 1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (2025-2026)

REUNIÃO PLENÁRIA DE 15 DE OUTUBRO DE 2025

Presidente: Ex.mo Sr. José Pedro Correia de Aguiar-Branco

Secretários: Ex.mos Srs. Francisco Maria Gonçalves Lopes Figueira
Joana Fernanda Ferreira de Lima
Maria Germana de Sousa Rocha

S U M Á R I O

O Presidente declarou aberta a sessão às 15 horas e 2 minutos.

Deu-se conta da entrada na Mesa dos Projetos de Lei n.os 176, 236 a 246, 249 a 253, 255, 258 a 260, 262 a 273, 275 a 278 e 280/XVII/1.ª; das Propostas de Lei n.os 36 e 37/XVII/1.ª; e dos Projetos de Resolução n.os 317, 319 a 321, 324 a 332, 334 a 336, 338 a 339, 341, 347 e 350 a 353/XVII/1.ª.

Em declaração política, o Deputado Eurico Brilhante Dias (PS) fez um balanço sobre os resultados das eleições autárquicas de 12 de outubro, tendo posteriormente respondido a pedidos de esclarecimento dos Deputados Hugo Soares (PSD), Rui Rocha (IL), Pedro Pinto (CH), Paula Santos (PCP) e Paulo Muacho (L).

Em declaração política, o Deputado Miguel Rangel (IL) analisou os resultados da Iniciativa Liberal no contexto das eleições autárquicas. De seguida, respondeu aos pedidos de esclarecimento dos Deputados Andreia Bernardo (PSD), Patrícia Almeida (CH), Jorge Pinto (L) e Eurico Brilhante Dias (PS).

Entretanto, o Presidente assinalou a presença, nas galerias, de dois Deputados do Estado de Santa Catarina do Brasil, que foram aplaudidos pela Câmara.

Em declaração política, o Deputado Rui Tavares (L), após ter felicitado os vencedores das últimas eleições autárquicas, condenou a nova metodologia do Governo no âmbito do Orçamento do Estado para 2026. No fim, respondeu a pedidos de esclarecimento dos Deputados Paula

Santos (PCP), Rui Cardoso (CH), Alberto Fonseca (PSD) e António Mendonça Mendes (PS).

Em declaração política, o Deputado Alfredo Maia (PCP) apelou à rejeição da reforma da legislação laboral apresentada pelo Governo. Respondeu, depois, a pedidos de esclarecimento dos Deputados Andreia Galvão (BE), Bruno Nunes (CH), Carla Barros (PSD), Isabel Mendes Lopes (L), Hugo Oliveira (PS) e Inês de Sousa Real (PAN).

Em declaração política, o Deputado João Pinho de Almeida (CDS-PP) destacou os resultados que o seu partido alcançou nas últimas eleições autárquicas, tendo sublinhado a sua presença em todo o território nacional. Posteriormente, respondeu aos pedidos de esclarecimento dos Deputados Rui Jorge Santos (PS) e Ricardo Araújo (PSD).

Em declaração política, o Deputado Pedro Alves (PSD) congratulou o seu partido pelo bom resultado obtido nas eleições autárquicas. Depois, respondeu aos pedidos de esclarecimento dos Deputados Inês de Sousa Real (PAN), Patrícia Carvalho (CH), Paulo Núncio (CDS-PP), Jorge Botelho (PS) e Paula Santos (PCP).

Em declaração política, o Deputado Rui Cristina (CH) falou sobre Albufeira, onde foi eleito presidente da câmara, e dos objetivos do seu partido para o poder local. De seguida, respondeu aos pedidos de esclarecimento dos Deputados André Rijo (PS) e Gonçalo Dinis Capitão (PSD).

Em declaração política, o Deputado Filipe Sousa (JPP) criticou a forma como o Governo tem procedido à descentralização, referindo as diferenças entre o poder central e o poder regional, tendo, no final, parabenizado os vencedores das eleições autárquicas. Posteriormente, respondeu aos pedidos de esclarecimento dos Deputados Paulo Neves (PSD), Sofia Canha (PS), Jorge Pinto (L) e Francisco Gomes (CH).

O Presidente (Rodrigo Saraiva) encerrou a sessão eram 18 horas e 15 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Peço aos Srs. Agentes da autoridade o favor de abrirem as portas das galerias ao público, se faz favor.

Pausa.

Pedia aos Srs. Deputados o favor de irem dando condições para que o Sr. Secretário da Mesa possa ler o expediente, nesta fase sempre altamente motivadora do Plenário.

Pausa.

Peço aos Srs. Deputados que estão em pé o favor de se sentarem.
Sr. Secretário da Mesa, faça favor de ler o expediente.

O Sr. **Secretário** (Francisco Figueira): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, deram entrada na Mesa, e foram admitidas pelo Sr. Presidente, várias iniciativas legislativas.

Em primeiro lugar, refiro os Projetos de Lei n.os 176/XVII/1.ª (Cidadãos), 236/XVII/1.ª (JPP), 237, 238 e 239/XVII/1.ª (PCP), 240, 241, 242, 243, 244, 245 e 246/XVII/1.ª (PS), 249 e 271/XVII/1.ª (CH), 250/XVII/1.ª (IL), 251 e 252/XVII/1.ª (PCP), 253, 259, 260, 262, 263 e 264/XVII/1.ª (PAN), 255/XVII/1.ª (CDS-PP), 258/XVII/1.ª (JPP), 265, 266, 267, 268, 269 e 270/XVII/1.ª (BE), 272, 273 e 275/XVII/1.ª (L), 276 e 277/XVII/1.ª (PS), 278, 279 e 280/XVII/1.ª (PSD, CDS-PP).

Deram também entrada na Mesa as Propostas de Lei n.os 36 e 37/XVII/1.ª (GOV).

Deram ainda entrada na Mesa os Projetos de Resolução n.os 317/XVII/1.ª (L), 319, 320 e 321/XVII/1.ª (PAR), 324/XVII/1.ª (IL), 325 e 326/XVII/1.ª (CH), 327 e 328/XVII/1.ª (PCP), 329 e 330/XVII/1.ª (IL), 331/XVII/1.ª (CDS-PP), 332 e 334/XVII/1.ª (PCP), 335/XVII/1.ª (CH), 336, 338, 339 e 341/XVII/1.ª (PAN), 347/XVII/1.ª (L), 350 e 351/XVII/1.ª (PSD, CDS-PP) e, por fim, os Projetos de Resolução n.os 352 e 353/XVII/1.ª (PS).

O Sr. **Presidente**: — Não havendo mais expediente, vamos dar início à nossa ordem do dia, que consiste em declarações políticas.

A primeira intervenção é do Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias. Dispõe de 6 minutos para o efeito.

Pedia aos Srs. Deputados que estão em pé o favor de se sentarem.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: O País escolheu, em democracia, os seus representantes locais, o governo das suas autarquias.

A 12 de outubro, não celebrámos apenas um ritual. Convocámos, enquanto comunidade, o nosso poder enquanto cidadãos, para escolher pessoas e programas para governar o nosso País.

Nas conquistas da Revolução de Abril de 1974, o poder local democrático tem um lugar de destaque. Fizemo-lo pouco depois das eleições legislativas, onde o Partido Socialista teve um dos seus piores resultados de sempre.

O bom da democracia é esta rotina, onde não há vencedores para sempre nem vencidos que o sejam também para sempre.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bela comparação, pá!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — E as vitórias e as derrotas eleitorais são, no jogo democrático, felizmente, sempre uma fase transitória. Ganhar e perder faz parte de permanecer no jogo democrático, oferecendo sempre alternativas.

O Partido Socialista saiu destas eleições afirmando-se como a única e verdadeira alternativa a este Governo,…

Aplausos do PS.

Risos e protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

… pela presença territorial, pela confiança de mais de 1,8 milhões de eleitores — aproximadamente o mesmo número que em 2021 —,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ah!…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — … por ser o partido que mais câmaras conquistou sozinho, sem coligação, por se ter afirmado como a alternativa concreta em muitos municípios onde os portugueses decidiram mudar,…

Aplausos do PS.

Protestos do PSD.

… perdendo também onde era poder há muito, constituindo-se como principal força da oposição em muitos municípios. Diria mesmo que, na esmagadora maioria dos municípios onde não venceu, a alternativa continua a ser o PS.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ei!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — O PS é o partido vencedor no conjunto das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, com mais mandatos e mais votos. O PS governa 16 de 35 municípios das áreas metropolitanas. O PS governa metade das capitais de distrito do País, mais duas do que o PSD, que soma o Funchal e Ponta Delgada. O PS tem vereadores de norte a sul,…

Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

… mantendo-se como um pilar central da democracia portuguesa.

Aplausos do PS.

O PS é o partido que venceu mais câmaras na área metropolitana de Lisboa e que iguala o PSD na área metropolitana do Porto. O PS tem, em Braga, Porto e Setúbal, tantos vereadores como a solução ganhadora.

Aplausos do PS.

Os portugueses conhecem o PS. O PS teve, nestas eleições, mais 400 000 votos do que nas eleições legislativas e constitui-se, aos olhos dos portugueses, como a única alternativa ao bloco de direita que governa este País.

Aplausos do PS.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O que conta é a imprensa!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Nos últimos meses, tudo foi dito. Nos últimos meses, o PS tinha 79 câmaras, mais de metade das câmaras que governava em risco. O PS perderia porque tinha 50 presidentes de câmara que terminavam o último mandato. O PS, dizia um semanário em maio de 2025, iria transferir 21 câmaras para a extrema-direita parlamentar.

O PS hoje tem 40 vezes mais presidências de câmara do que a extrema-direita parlamentar. A piada faz-se sozinha! A piada faz-se sozinha.

Aplausos do PS.

O Chega foi o grande derrotado, com uma copiosa derrota eleitoral a 12 de outubro de 2025.
Srs. Deputados…

Protestos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, cada um vai ter a oportunidade de poder exprimir-se nos mesmos termos. Portanto, agora estamos a ouvir o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias. O Sr. Deputado, para poder continuar, tem de ter condições de silêncio na Sala.
Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Está só a dizer disparates!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Srs. Deputados do Chega, nunca pensei dizê-lo: é um gosto vê-los aí sentados derrotados.

Aplausos do PS.

Risos do CH.

Srs. Deputados, vistos de perto, ao pé, localmente, os eleitores afastam-vos do poder, arrumam com o Chega.

Aplausos do PS.

Protestos de Deputados do CH.

Sr. Presidente, foi um contexto particularmente duro, porque também o Governo, em particular o Governo, fez campanha eleitoral ao lado dos candidatos do PSD e do CDS e, em alguns casos, da Iniciativa Liberal. Fez campanha com anúncios sucessivos. Fez campanha, como nas Caldas da Rainha, fingindo que voltava atrás com uma decisão. Fez campanha quando, no último dia da campanha eleitoral, disse aos portugueses que deviam votar em candidatos alinhados com o Governo.

Aplausos do PS.

Nunca tal tinha sido visto! Uma ignomínia democrática que não está à altura dos verdadeiros democratas.
Sr. Presidente, as eleições são locais.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

Tivemos 308 presidentes de câmara, 308 candidaturas vencedoras, milhares e milhares de candidatos a presidentes de junta de freguesia que foram eleitos.
A leitura nacional é clara. O PSD tem mais presidências de câmara só com as suas coligações. O PS é, aos olhos dos portugueses, a verdadeira alternativa à governação, a verdadeira alternativa às opções de política do bloco de direita.

Protestos do Deputado do PSD Gonçalo Lage.

O PS, Sr.as e Srs. Deputados, cá está de volta, cá está na liderança da oposição, cá está sendo a verdadeira alternativa de Governo ao bloco de direita.

Aplausos do PS.

Risos do CH.

Protestos do Deputado do CH Pedro dos Santos Frazão.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado tem cinco pedidos de esclarecimento. O primeiro pedido de esclarecimento é do Sr. Deputado Hugo Soares, do PSD, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias,…

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Brilhante, tem dias!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … queria, em primeiro lugar, cumprimentar o Partido Socialista pelas vitórias eleitorais que teve nas eleições autárquicas e gostaria de que o Sr. Deputado tivesse, daquela tribuna, tido a humildade democrática, o respeito democrático, de cumprimentar o único e verdadeiro vencedor das eleições autárquicas, que é precisamente o Partido Social Democrata.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Mas, uma vez que o Sr. Deputado não o quis fazer, devo dizer que fico muito contente, fico mesmo muito feliz e desejo ao Partido Socialista que continue, como hoje, a comemorar vitórias de Pirro, como aquelas que os senhores tiveram nas eleições autárquicas.

Aplausos do PSD.

Que feliz fico quando vejo o Partido Socialista, que perdeu a Associação Nacional de Municípios, que perdeu municípios absolutamente essenciais no País, que perdeu no voto urbano, que perdeu em votos e em mandatos, que perdeu a ANAFRE (Associação Nacional de Freguesias), comemorar vitória.

Olhe, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, devo dizer-lhe que, por momentos, por escassos momentos, pensei mesmo que estava a ouvir o PCP daquela bancada. Esses são sempre os que ganham sempre. Não estava habituado a estas vitórias do Partido Socialista.

Aplausos do PSD.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Mas, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, queria deixar-lhe duas ou três notas, para reflexão do Partido Socialista.

A primeira é recomendar-lhe humildade, a mesma humildade com a que nós aqui estamos, depois do resultado extraordinário que tivemos.

Aplausos do PSD.

E sobretudo muita humildade. Humildade. Humildade quando se esqueceu de dizer que teve uma frente de esquerda em Lisboa e o resultado da coligação da AD (Aliança Democrática) ganhou, e ganhou por muito!

Aplausos do PSD.

Sobretudo, muita humildade, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, quando perdeu na terra do seu secretário-geral, na terra do seu anterior secretário-geral, quando perde em Lisboa, quando perde no Porto, quando perde no Quadrilátero Urbano, em Braga.

Sr. Deputado, assuma de uma vez por todas a derrota. Ter-lhe-ia ficado bem melhor!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

O Sr. **Presidente**: — Para um pedido de esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Rui Rocha, da Iniciativa Liberal, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — Sr. Presidente, uma questão telegráfica para o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias. Em Lisboa, o PS fez uma coligação com a esquerda mais radical.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Extrema-esquerda!

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — Aquilo que eu lhe queria perguntar é se valeu a pena e se isso se traduz numa intenção futura do PS de continuar a entender-se com essa esquerda radical. Vale a pena? Qual é a análise que fazem? Valeu-lhes a pena, Sr. Deputado?

Aplausos da IL.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para o mesmo efeito, o Sr. Deputado Pedro Pinto, do Chega, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, aquele abraço do Deputado Cristóvão Norte à Deputada Inês de Sousa Real é um abraço sempre sentido, um abraço sentido para quem perdeu a Câmara de Faro da maneira que perdeu, com a tareia monumental que levou!

Aplausos do CH.

Risos do PSD, da IL e do CDS-PP.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Olha que dois! Vocês são iguais!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Mas deixe-me…

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados…

Protestos do PSD.

Peço aos Serviços que parem a contagem do tempo.

Continuação de protestos do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Eu sei que custa!

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, as eleições já ocorreram e a campanha também.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Perder câmaras por causa do Chega, eu sei que custa. Tem custado a engolir!

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado pode retomar, se faz favor.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, o tempo.

O Sr. **Presidente**: — Está parado, o tempo.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não, mas houve pelo menos 6 ou 7 segundos que não foram parados na altura.

O Sr. **Presidente**: — Foi 1 segundo.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não foram, não foram. Eu contei, sou bom observador.

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sabe que estou no VAR (*Video Assistant Referee*), estou sempre ligado ao VAR.

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, nós tivemos aqui a parte cómica do debate, que foi a declaração do Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias. E foi a parte cómica porquê? Foi a parte cómica porque disse que o Chega perdeu as eleições.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Eh…!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Uma grande derrota do Chega nestas eleições, o Chega foi o grande derrotado na noite eleitoral. Ora, o Chega tinha 19 vereadores, passou para 137. O Chega tinha 173 Deputados municipais, passou para 635 Deputados municipais. O Chega elegeu 1176 elementos nas juntas de freguesia.

Protestos do Deputado do L Paulo Muacho.

Não foi à boleia, Sr. Deputado do Livre! Não foi à boleia, porque vocês elegeram zero!

Aplausos do CH.

Continuação de protestos do Deputado do L Paulo Muacho.

Vocês valem zero! Vocês são zero! Zero!
Aliás, o Livre e o Bloco de Esquerda foram varridos nas autarquias! Varridos nas autarquias! Varridos, varridos!

Aplausos do CH.

Agora, o partido vencedor da noite foi o Partido Socialista?! Perdeu 150 000 votos, perdeu mais de 100 eleitos nas câmaras municipais, perdeu 21 câmaras municipais, perdeu 300 eleitos municipais, perdeu 800 eleitos nas assembleias de freguesia, perdeu a presidência da Associação Municipal de Municípios Portugueses e da ANAFRE, foi bengala do Livre em Felgueiras, e ganhou as eleições?!

Aplausos do CH.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Fez mal as contas!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, confesso que já tinha saudades suas, porque a sua hipocrisia é tamanha que não foi capaz de dizer assim: «O PS perdeu as eleições no passado domingo.» Aliás, o seu secretário-geral, que está aí ao seu lado, disse: «O Partido Socialista está de volta.»

Está de volta? Está de volta a perder eleições outra vez, porque voltou a perder as eleições no passado domingo!

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para responder, o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, e dispõe de 3 minutos.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Hugo Soares, Sr. Deputado Rui Rocha, Sr. Deputado Pedro Pinto, agradeço as questões.
Vão-me perdoar, Srs. Deputados, mas vou começar pelo Chega.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Acho muito bem!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — O Sr. Deputado andou a passar isto nas redes sociais.

O orador exibiu um cartaz.

Dizia assim: «Chega deve ultrapassar PS nestas eleições autárquicas, revela estudo.»

Aplausos do PS.

Sr. Deputado, a humildade, de facto, é importante.

Protestos de Deputados do CH.

A humildade é importante porque, em democracia, ganhamos e perdemos; mas, Sr. Deputado, vir aqui hoje a este Parlamento dizer que o Chega teve um resultado satisfatório…

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Teve!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — … não faz lembrar o PCP, mas faz lembrar o Ministro da Informação do Iraque aquando da Operação Raposa do Deserto.

Aplausos do PS.

Sr. Deputado, o Chega teve uma derrota copiosa, e é por isso que os senhores, que andaram a fazer campanha para serem presidentes de câmara, estão todos aí sentados outra vez e de regresso à bancada parlamentar do Chega.

Aplausos do PS.

Protestos de Deputados do CH.

Sr. Deputado, agradeço a questão, mas eu disse que o PS teve muitas vitórias. Disse que o PS teve muitas vitórias e, humildemente, também disse que perdemos em outros sítios, em alguns onde éramos poder há muito tempo e onde o PS passou a constituir-se como a principal força da oposição. Este equilíbrio é importante.

Continuação de protestos de Deputados do CH.

Eu não disse que o PS tinha a presidência da Associação Municipal de Municípios Portugueses, nem o disse da ANAFRE. Disse que o Partido Socialista, sozinho, sem coligações, tinha sido o partido que mais câmaras tinha conquistado. E isto é factual.

Também disse que o Partido Socialista tinha tido 1,8 milhões de votos, tal como em 2021.

Continuação de protestos de Deputados do CH.

Mas isto serve também para lhe dizer o seguinte: no último debate quinzenal, aqui, o Sr. Primeiro-Ministro disse à bancada do Partido Socialista que o Partido Socialista iria tornar-se irrelevante. Os portugueses deram nas urnas a resposta. O PS não foi só o partido que ganhou nas áreas metropolitanas; foi também o partido que continuou a ser, em muitos municípios deste País, o principal partido que governa, também no Alentejo e no Algarve, como bem sabe o Sr. Deputado Pedro Pinto.

Aplausos do PS.

Sr. Deputado Rocha, humildemente, há decisões nacionais e decisões locais. O PS é um partido que, em qualquer circunstância, defende sempre o interesse nacional, mesmo quando nos coligámos com o CDS em 1976, com o PSD em 1983, com o bloco central, e quando fizemos, com outros parceiros, soluções governativas para melhorar a vida dos portugueses. Porque é isso: melhorar a vida dos portugueses, Sr. Deputado.

Aplausos do PS.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Pedro Pinto pede a palavra para que efeito?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Mesmo?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sim, mesmo. Eu gostaria que fossem distribuídas duas notícias.

Uma delas é uma sondagem da Intercampus, que diz: «Os portugueses acreditam que o Chega pode ultrapassar o PS nas autárquicas.» Portanto, a sondagem não é do Chega, é da Intercampus.

E a segunda é de Pedro Nuno Santos, que avisa que não houve nenhuma retração do Chega. Se calhar o Partido Socialista devia ouvir mais Pedro Nuno Santos.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Quando chegar à Mesa, será distribuído.

Tem a palavra a Sr.ª Deputada Paula Santos…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Olhe, até em Baião! Até em Baião!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Deixem o Pedro trabalhar!

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, têm de continuar com os pedidos de esclarecimento.

Tem a palavra a Sr.ª Deputada Paula Santos, que dispõe de 2 minutos.

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, traz aqui, na sua intervenção, questões a propósito dos resultados das eleições autárquicas que decorreram neste fim de semana.

Sobre esta questão, gostaria de dizer, em primeiro lugar, que os resultados destas eleições confirmam a CDU (Coligação Democrática Unitária) como uma importante força política no poder local democrático.

Risos do CH.

É a terceira força política a nível nacional: 12 câmaras, 97 freguesias, 1500 eleitos. É factual, com os resultados que foram obtidos.

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Muito bem!

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — O resultado da resistência num quadro em que as questões nacionais se sobrepuseram às questões locais, aquelas que estavam verdadeiramente em questão nestas eleições autárquicas; num quadro de confusão entre competências, entre administração central e local.

Mas a CDU, o projeto da CDU é, de facto, reconhecido e, mais uma vez isso foi comprovado, reconhecido pelas populações. É um projeto distintivo dos demais, pela defesa do interesse público, pela valorização dos serviços públicos, contra as privatizações, pela valorização dos trabalhadores das autarquias, pela importância que dá às questões que têm a ver com a educação, com a cultura, com o desporto, com o ambiente, os espaços públicos, o urbanismo, e que, de facto, marca a diferença relativamente às demais forças políticas.

Mas, Sr. Deputado, na sua intervenção fez referência a que o Partido Socialista seria a única alternativa ao bloco de direita. Que eu saiba, Sr. Deputado, a alternativa não viabiliza as opções de direita, aliás, como fez em alguns municípios de gestão do PSD — em particular, o exemplo de Lisboa é bem claro —, ou como o Partido Socialista se prepara para fazer agora no Orçamento do Estado, mesmo sendo um Orçamento do Estado que traz mais desigualdades, mais injustiças, em que não há um investimento sério nos serviços públicos, no investimento público, e o Partido Socialista prepara-se para viabilizar com o seu voto todas essas opções que são prejudiciais para os trabalhadores e para o nosso povo.

Portanto, não nos parece que haja aqui qualquer alternativa, mas sim a convergência com as opções estruturais…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone da oradora foi automaticamente desligado.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente**: — Pedia, por favor, aos Srs. Deputados que estão de pé e em conversa bilateral, o favor de se sentarem, porque a soma das várias conversas bilaterais impede que haja uma qualidade de audição de quem está a intervir.

Tem a palavra, para um pedido de esclarecimento, o Sr. Deputado Paulo Muacho, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, em primeiro lugar, partilho também da sua satisfação por ver aqui nesta Casa algumas caras. É sinal de que o bom povo português soube decidir e escolher os seus autarcas e quem o representa.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH) — Olha lá, e quantos autarcas tem o Livre? Zero! Zero!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Mas mais do que cada partido que, naturalmente, vai puxar pelos seus resultados e tentar apresentar-se como vitorioso,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Menos o Livre, que não tem resultados para apresentar!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — … também poderia dizer que o Livre multiplicou por oito o número de autarcas que tem, neste momento, no País.

Risos de Deputados do CH.

No entanto, mais do que fazer um balanço sobre os resultados das eleições autárquicas, Sr. Deputado, gostaria de lhe perguntar sobre as anunciadas intenções de alteração da lei eleitoral autárquica que ouvimos durante esta campanha eleitoral e cuja intenção o Partido Socialista já anunciou. Queria perguntar especificamente ao Partido Socialista em que sentido é que caminha para uma proposta de alteração da lei eleitoral autárquica.

É certo que, e aí concordamos, é necessária essa alteração, mas é necessária num sentido em que reforce a representatividade local, reforce a democracia local, reforce o papel das assembleias municipais e dos eleitos locais e dignifique esse papel dos eleitos locais enquanto eleitos democráticos mais próximos das populações. Não nos parece que seja avisado caminhar em algum sentido em que acabe por transformar estas eleições em eleições em que quem fica à frente, seja por um voto, por 10 ou por 1000, ganhe automaticamente o poder. É algo que, no nosso sistema eleitoral autárquico, é um completo anacronismo, e entendemos, sim, que devemos caminhar para uma maior representatividade e capacidade de decisão local. Perguntava-lhe qual é que é o caminho que o Partido Socialista quer fazer.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para responder, o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, e dispõe de 3 minutos.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, agradeço as questões suscitadas.

Começando, naturalmente, pela Sr.ª Deputada Paula Santos, percebo algum do contentamento do Partido Comunista Português, em particular quando ficou com quatro vezes mais câmaras do que a extrema-direita parlamentar.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Tenha juízo!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — De facto, quando se compara, o PCP tem um resultado em que multiplica por quatro as presidências de câmara da extrema-direita.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Não sabe o que diz e não diz o que sabe!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Mas não deixo de ficar preocupado porque o PCP coloca continuamente essa questão em torno de o PS ser alternativa e de o PS, em muitas circunstâncias, fazer acordos, compromissos com outras forças democráticas.

Sr.ª Deputada, o PCP teve uma belíssima oportunidade de colocar a direita na oposição, e escolheu ficar sozinho. Não utilizarei consigo a expressão «orgulhosamente só» porque o PCP não merece. O PCP não merece, mas ficou sozinho. Esperamos e espero sinceramente que, dentro de pouco, não seja o vereador do PCP a fazer maioria com a direita na Câmara Municipal de Lisboa.

Aplausos do PS.

Por isso, hoje aquilo que temos é o PCP, por decisão própria, a colaborar na eleição do pior presidente da Câmara de Lisboa desde o 25 de Abril.

Aplausos do PS.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Respeitem os eleitores!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Segundo aspeto: o PS nunca excluiu o PCP das soluções democráticas. Não excluímos com Jorge Sampaio e Rui Godinho, e não vamos excluir o PCP de qualquer debate democrático para as soluções de que o País precisa. Por isso, dessa forma, com o respeito que o Partido Comunista

Português nos merece como um partido centenário, é hora de o PCP pensar que o adversário do PCP não é o PS, em muitas circunstâncias é a direita que se junta para derrotar as soluções progressistas.

Sr. Deputado Paulo Muacho, um cumprimento especial. Os resultados foram os que foram, são os que são, concordo consigo. De facto, vamos ter de manter aqui, no Parlamento, um conjunto de caras que nos habituámos a ver nos Plenários, às vezes bastante exaltadas.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Tem saudades minhas!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Infelizmente, o Sr. Deputado Paulo Pinto não irá para Faro…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Pedro, Pedro!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — … nem a Sr.ª Deputada Rita Matias para Sintra, e por aí adiante. Cá estarão para continuar a fazer este ruído.

Protestos do CH.

Mas é também por causa deste ruído que o Partido Socialista quer alterar a legislação autárquica, porque é preciso estabilidade, é preciso eficácia nos executivos municipais.

Protestos de Deputados do CH.

E, com esta gritaria nos executivos municipais, temo que a eficácia será pouca.

Sr. Deputado Paulo Muacho, teremos todo o gosto em discutir também com o Livre as nossas propostas no quadro das autarquias.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado cometeu um lapso. Não é Sr. Deputado Paulo Pinto, e sim Pedro Pinto, mas foi um lapso de linguagem compreensível.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Iam ter saudades minhas, eu sei!

O Sr. **Presidente**: — Para uma intervenção, dou a palavra ao Sr. Deputado Miguel Rangel, da Iniciativa Liberal, que dispõe de 6 minutos.

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados: Estamos a assistir a uma alteração profunda no panorama político em Portugal, com consequências diretas no poder local. Os portugueses, cansados da radicalização do discurso da esquerda, do seu afastamento da realidade e da incapacidade de resolver os problemas concretos de cada município, expressaram, de forma clara e inequívoca, que querem uma nova forma de fazer política.

A esquerda perde cerca de 16 % das câmaras municipais e continua um caminho traçado pelo falhanço das suas políticas públicas e pela sua agenda ideológica e sectária.

O Bloco de Esquerda abdicou de fazer campanha, abdicou de falar para os portugueses e acabou a perder todas as suas câmaras municipais e 95 % dos seus mandatos em assembleias municipais, eleitos em listas próprias.

O Livre, que disputou a terceira eleição autárquica, continua sem alcançar uma presença significativa a nível nacional.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Ah! Ah! Ah!

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — A reduzida representação que detém resulta, sobretudo, das coligações estabelecidas nos grandes centros urbanos.

O PCP, por outro lado, também continua o seu caminho de declínio irreversível, sendo um partido que, eleição após eleição, perde relevância autárquica.

O Partido Socialista vive hoje uma crise de identidade profunda. O calculismo e o oportunismo político de 2015 abriram caminho a uma ala que empurrou o partido para a radicalização ideológica. Os portugueses compreenderam essa deriva e responderam de forma inequívoca, castigando o PS onde este se radicalizou, afastando-se da moderação, da responsabilidade e do País real.

Sr.as e Srs. Deputados, a Iniciativa Liberal tem optado por um crescimento sustentável, qualitativo e assente num projeto sólido e coerente. Uma abordagem difícil, mas corajosa — na verdade, a única com capacidade de vingar.

Sem nunca abandonar a energia e a marca da Iniciativa Liberal, apresentámos propostas reformistas que visam a resolução de problemas estruturais em detrimento dos típicos remendos eleitoralistas; defendemos políticas de crescimento em alternativa às que têm dominado a gestão autárquica e que não param de atrasar o desenvolvimento dos nossos municípios.

Falamos também do rigor que se exige na gestão da coisa pública e da transparência que os munícipes merecem, não só para avaliarem o resultado do seu voto, mas também como forma de os próprios poderem fiscalizar e evitar a partidarização das estruturas autárquicas.

Sabemos que as mudanças nem sempre são fáceis, sabemos que explicá-lo a um eleitorado que há anos convive com promessas não cumpridas e está desacreditado é uma tarefa exigente e um exercício de resiliência.

Nestas eleições, a Iniciativa Liberal deu mais um passo decisivo no sentido da sua implantação como partido autárquico. Cumprimos todos os objetivos a que nos propusemos.

Na nossa segunda eleição autárquica, demos voz às propostas liberais um pouco por todo o País, triplicámos os autarcas eleitos, elegemos vereadores liberais e conquistámos representação em 65 assembleias municipais. Dois terços das assembleias municipais em que a Iniciativa Liberal está hoje representada são novas conquistas.

Impedimos também o regresso do socialismo em autarquias importantes e fomos determinantes para fechar a porta à esquerda radical.

Assumimos, com realismo, o crescimento e a implantação autárquica que ambicionamos e temos a certeza de que, mais do que para a Iniciativa Liberal, o nosso crescimento nestas eleições autárquicas será determinante para todos os munícipes que rejeitam a estagnação das suas cidades, o dirigismo das políticas públicas e a opacidade na gestão autárquica.

Sr.as e Srs. Deputados, os liberais eleitos nestas eleições autárquicas assumem um compromisso claro: transformar os seus municípios. Cada mandato liberal será uma oportunidade para provar que é possível governar e fiscalizar de forma diferente, com rigor, transparência e foco nos resultados. Onde houver um autarca liberal, haverá alguém a trabalhar para simplificar, para libertar e para servir melhor as pessoas.

E como saberão os portugueses que os liberais estão presentes e vão fazer a diferença nas suas vidas? A resposta a essa pergunta é simples.

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — Quantas câmaras têm?!

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Sempre que os licenciamentos acelerarem, permitindo mais construção e redução do preço das casas, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Sempre que sentirem simplificação e modernização nas suas autarquias, tornando-as mais eficientes, digitais e próximas do cidadão, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Sempre que a transparência na gestão autárquica passar a ser uma realidade, e o amiguismo e a corrupção uma dificuldade, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Sempre que sentirem o seu bolso mais aliviado, mais confiança nas suas decisões e menos paternalismo, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Sempre que aumentarem as oportunidades de emprego, principalmente do emprego qualificado, por via da atração do investimento e promoção da concorrência, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Sempre que sentirem mais qualidade de vida e uma cidade viva, dinâmica e livre, sabem que a Iniciativa Liberal chegou.

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado tem quatro pedidos de esclarecimento.

Enquanto o Sr. Deputado chega à bancada, informo a Câmara de que, do Estado de Santa Catarina, do Brasil, estão a assistir aos nossos trabalhos o Deputado Federal Daniel Costa de Freitas e a Deputada Estadual Ana Caroline Campagnolo.

Aplausos gerais, com Deputados do PSD, do CH e da IL de pé.

Como é que o Sr. Deputado pretende responder aos pedidos de esclarecimento?

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Dois a dois, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra a Sr.ª Deputada Andreia Bernardo, do PSD, por 2 minutos.

A Sr.ª **Andreia Bernardo** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, as eleições autárquicas de 2025 confirmaram, uma vez mais, o que os portugueses vêm dizendo: a escolha é o Partido Social Democrata.

Depois de vencer, nos últimos dois anos, duas eleições legislativas, duas eleições regionais nos Açores e na Madeira e, agora, as autárquicas, o PSD é hoje o principal partido português em todos os níveis de governação: nacional, regional e local.

Aplausos do PSD.

Foi uma vitória histórica. O PSD conquistou 136 câmaras municipais, recuperou a liderança da Associação Nacional de Municípios Portugueses e da ANAFRE e venceu também os cinco maiores municípios do nosso País: Lisboa, Porto, Gaia, Cascais e Sintra.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sozinho?!

A Sr.ª **Andreia Bernardo** (PSD): — E deixem-me sublinhar Sintra — o segundo maior concelho do nosso País, com 400 000 habitantes —,…

Aplausos do PSD.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Precisam é de maioria!

A Sr.ª **Andreia Bernardo** (PSD): — … um concelho diverso, exigente, abandonado, que escolheu, agora sim, a competência, a proximidade e o trabalho sério.

Enquanto isso, vemos também partidos a festejar derrotas, vemos partidos a festejar perdas de câmaras municipais, de freguesias e, principalmente, da influência. E, assim tanto, festejam! Enquanto isso, quem festeja a confiança que o PSD retirou são, acima de tudo, os portugueses, que não querem mais promessas, não querem mais vaidades.

Por isso, deixo-lhe uma pergunta: Sr. Deputado, quer a Iniciativa Liberal continuar a celebrar connosco?

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Isso é que vai aí um namoro!

Risos da IL.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não contam para nada!

A Sr.ª **Andreia Bernardo** (PSD): — Quer a Iniciativa Liberal continuar a escolher claramente o PSD para trabalhar nas câmaras municipais? Aqui, na Assembleia da República, e em todo o País, onde é o partido da confiança, da responsabilidade e que resolve, acima de tudo, a vida dos portugueses.

E deixo-lhe um conselho, mas um conselho sincero: vamos trabalhar pelos portugueses, acima de tudo.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Sr.ª Deputada Patrícia Almeida, do Chega, tem a palavra para pedir esclarecimentos, por 2 minutos.

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, ouvi o Sr. Deputado da Iniciativa Liberal, o Sr. Deputado Miguel Rangel, dizer que quando as populações sentirem maior qualidade de vida, quando sentirem uma fiscalização mais forte estarão perante a IL, mas não deixa de ser curioso perceber que, agora, com as vossas coligações — e foram várias —, o PSD não conta convosco para nada,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem! Muito bem!

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — … porque nem vos mencionou.

Aplausos do CH.

Mas deixem-me falar-vos das ideias da Iniciativa Liberal, e vamos a um concelho bem perto, vamos a Loures, onde o candidato cabeça de lista da Iniciativa Liberal à câmara municipal tinha como solução para a habitação colocar os munícipes de Loures em tendas! E, depois das tendas, nada melhor do que colocá-los em contentores!…

Portanto, Srs. Munícipes de Loures, Srs. Munícipes de Portugal, são estas as ideias da Iniciativa Liberal para governar os municípios de Portugal.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — Não ganharam nenhuma câmara sozinhos,…

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Gosto desse critério! É um bom critério!

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — … elegeram dois vereadores, mas quem os ouvia falar ali de cima, da tribuna, parecia que tinham ganho câmaras, parecia que tinham ganho assembleias municipais e parecia que eram eles os grandes vencedores destas eleições autárquicas. Nem como muletas!

Risos de Deputados do CH.

Quero dizer-vos também que a Iniciativa Liberal, não só a fiscalizar como, por exemplo, a apoiar os bombeiros: zero! Zero financiamento para os bombeiros em Loures, zero para o metro em Loures. Nunca aprovaram uma proposta.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — É esta a Iniciativa Liberal que dizia querer governar câmaras municipais em Portugal: zero propostas, zero ideias, zero municípios a governar, porque também não são precisos,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Patrícia Almeida** (CH): — … nem sequer para o PSD.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Rangel, por 3 minutos.

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Sr. Presidente, começando aqui pelo PSD, pela Sr.ª Deputada Andreia Bernardo, eu queria devolver-lhe esse repto, esse desafio, e queria falar-lhe da união de que precisamos. A união de que precisamos é para combater o modelo da lei autárquica que temos em vigor, que foi concebido no período do pós-25 de Abril, num contexto político, económico e social completamente diferente daquele que vivemos hoje. Este modelo está esgotado.

O País mudou: mudou a realidade política, mudou a realidade económica, mudou a realidade social e mudou também a forma como os municípios são geridos, financiados e fiscalizados.

Portanto, estará o PSD também disposto a mexer nessa lei eleitoral? É que, hoje, as autarquias enfrentam novos desafios — a pressão da habitação, a transição digital, a sustentabilidade financeira, a necessidade de maior transparência e de maior proximidade com os cidadãos — e a verdade é que a lei eleitoral, tal como está, ficou para trás.

Portanto, a pergunta que se impõe é se o PSD está disposto a fazer alguma coisa relativamente a esta lei, porque, se nada for feito, corremos o risco de assistir, nos próximos quatro anos, a uma crescente instabilidade no poder local, fruto da forma como os executivos municipais são atualmente compostos e do reduzido poder das assembleias municipais, que fragiliza a representação e desvaloriza o papel dos órgãos eleitos e dos mandatos que os nossos partidos conquistaram. É um formato que promove os problemas políticos e a ingovernabilidade, porque não consegue um equilíbrio necessário entre a representação maioritária e a representação proporcional.

A Iniciativa Liberal defende, e pede aos restantes partidos desta Câmara que a acompanhem, que chegou o momento de repensar o sistema autárquico português. Precisamos de uma lei que reflita a maturidade democrática do País, que promova a responsabilidade e a transparência e devolva poder real às comunidades locais. Precisamos, como todos sabem, de uma lei autárquica à altura de um Portugal moderno, descentralizado e funcional.

E esse pedido estende-se, naturalmente, ao Chega, Sr.ª Deputada Patrícia Almeida. Fez aqui algumas provocações, e não falou propriamente de questões muito concretas, mas acho que o Chega também devia estar preocupado.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

Parabéns pelos mandatos que conquistaram, mas recordo-me de que no mandato entre 2021 e 2025… Não sei ao certo quantos autarcas é que terminaram ainda com o Chega e quantos autarcas é que ficaram como independentes.

Protestos de Deputados do CH.

Se nos puder esclarecer, quando tiver oportunidade, quantos autarcas eleitos em 2021 é que chegaram ao fim, também ficamos agradecidos.

Aplausos da IL.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Pinto, do Livre, para um pedido de esclarecimento, dispondo de 2 minutos.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Miguel Rangel, há muita coisa que separa e distingue o Livre dos outros partidos políticos nesta Câmara. Uma delas, é que nós não alinhamos na gabarolice, que parece generalizada,…

Risos e protestos da IL.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Olha quem!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — … e não fazemos das derrotas vitórias, ou vice-versa.

Eu sei que a Iniciativa Liberal gosta de comparar tamanhos, tamanhos de crescimento. O Sr. Deputado disse, dali da tribuna, que a Iniciativa Liberal cresceu três vezes, nós crescemos mais de oito vezes.

Risos do CH.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Uh!…

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Mas nós somos humildes, nós sabemos o nosso ponto de partida: sabemos que o nosso ponto de partida eram poucos representantes, agora são muitos mais; sabemos que o nosso ponto de partida era estar em alguns pontos do país, e hoje, em candidaturas autónomas, temos eleitos que vão de Barcelos a Faro. Isso orgulha-nos! E orgulha-nos outra coisa… Porque, sim, como o Sr. Deputado disse, alguns destes eleitos foram-no em coligação, mas, Sr. Deputado, digo-lhe uma coisa: nós não tivemos de engolir nenhum sapo programático para ter estes eleitos.

Eu não sei se o Deputado e agora vereador Rui Rocha, no seu périplo culinário, teve de engolir algum,…

Protestos da IL.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Ele foi sozinho!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — … mas acho muito curioso, e só falando do Norte, que a Iniciativa Liberal diga: em Braga, que Braga é a capital do norte; apoie um candidato que diga, afinal, «não, o Porto é que é a capital do norte»; e, melhor — veja-se lá —, apoie um candidato à Câmara Municipal do Porto que defende transportes públicos gratuitos!…

Risos do L.

Protestos do Deputado do CDS-PP João Pinho de Almeida.

A Iniciativa Liberal! — veja-se lá.

Da parte do Livre, fica uma garantia: engolimos zero sapos programáticos.

Mas, Sr. Deputado Miguel Rangel, tenho uma pergunta para lhe fazer, porque começou por falar de radicalismo, dos radicais, e a minha pergunta é esta: o que é, afinal, radical?

É ter, como o Livre defende, um país com autarquias que defendam as pessoas, um SNS (Serviço Nacional de Saúde) que funcione e de qualidade, transportes de qualidade e ao serviço das pessoas? Ou «radical» é aquilo que a Iniciativa Liberal defende, que é cortar a eito nos funcionários públicos, sem ter sequer coragem de vir aqui dizer, afinal, onde é que vai fazer esses cortes?

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Rangel, que dispõe de 3 minutos para responder a estas duas perguntas.

Pausa.

Peço desculpa, o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias ainda estava primeiro. Tem 2 minutos para pedir esclarecimentos, Sr. Deputado.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Deputado, agradeço a sua intervenção e queria-lhe deixar uma questão muito objetiva.

As coligações são, naturalmente, legítimas. O PSD, com o CDS, com a Iniciativa Liberal, com outras organizações, mesmo com o PAN, fez coligações em alguns municípios, umas com mais êxito, outras com menos. O Partido Socialista também fez, em particular com o Livre, em duas circunstâncias em que teve especial êxito, quer em Felgueiras, quer particularmente em Coimbra, mas essas coligações são sempre na base de um compromisso programático, como disse, e bem, o Sr. Deputado do Grupo Parlamentar do Livre.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Engoliram sapos ou não?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O Eurico nunca falou! Esteve dois anos sem falar!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Em Sintra perderam!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Essa capacidade de construir programas em conjunto é importante para resolvermos problemas.

Aliás, a análise que fazemos depois das eleições, e, em grande medida, aquilo que fazemos hoje, aqui, no Parlamento, é discutir as circunstâncias de governação das autarquias, mas também o impacto que isso tem no País.

A Iniciativa Liberal tem-se pautado por uma intervenção política que, apesar de tudo, devo dizer, é coerente. A Iniciativa Liberal defende um modelo de sociedade que é muito diferente do modelo de sociedade do Partido Socialista e entre as propostas em que mais divergimos da Iniciativa Liberal está a do despedimento de funcionários públicos. Aliás, solução já tentada e testada e que o Tribunal Constitucional, no Governo PàF (Portugal à Frente), do PSD/CDS, felizmente chumbou.

A pergunta que lhe faço diz respeito a Lisboa e ao Porto. Pôs, a Iniciativa Liberal, como condição para ser parte da coligação o despedimento de funcionários municipais? Sim ou não? Sim ou não?

Protestos da IL e do Deputado do CH Bruno Nunes.

Os senhores são ou não parte de uma coligação que vai considerar o despedimento de funcionários municipais, em particular numa organização como Lisboa, onde evidentemente, como se vê na recolha de lixo, continuamos a precisar de mais pessoas?

Aplausos do PS e da Deputada do L Filipa Pinto.

O Sr. **Presidente**: — Agora sim, tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Rangel, que dispõe de 3 minutos para responder a estes pedidos de esclarecimento.

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Sr. Presidente, começando pelo Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, tenho pena que não tenha aproveitado estes minutos para responder à questão que o Sr. Deputado Rui Rocha colocou, sobre se está contente com a radicalização… peço desculpa, com a coligação que optou por fazer em Lisboa, e se não retira daí algumas consequências.

Fala do nosso discurso e da nossa coerência, pois, o que os portugueses precisam de saber é qual é a vossa coerência. A vossa coerência é a de antes de 2015 ou é a de depois de 2015, numa constante radicalização, que agora se confirma nas coligações que fazem?

Relativamente às nossas propostas, elas são extensas, Sr. Deputado. Elas são conhecidas e, como sabe, em relação aos funcionários públicos — e por mais vezes que digam mentiras aqui, elas não passam —, o que nós pedimos é uma avaliação rigorosa da Administração Pública, uma compreensão rigorosa, para que os

portugueses saibam o que é que está a acontecer com os seus impostos; para que os portugueses compreendam se têm funcionários públicos a mais ou a menos;…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Continuam a alimentar a ideia de que há a mais!

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — … para que os portugueses compreendam porque é que os serviços não funcionam; para que os portugueses compreendam a mais alta carga fiscal, a que estão sujeitos; para que os portugueses compreendam porque é que não conseguem chegar ao fim do dia e pagar uma casa. Isso é que é importante!

É importante perceber onde é que está a ser aplicado o dinheiro que os portugueses ganham com o seu trabalho, e essa resposta nenhum Governo nos consegue dar. E irrita, de alguma forma, continuarmos a achar que podemos continuar neste caminho, a esmagar os portugueses todos os dias, principalmente nas costas da classe média.

Sr. Deputado Jorge Pinto, os discursos do Livre, nestas últimas horas… Achei que não iriam falar, mas agradeço que tenham falado. Os discursos do Livre nestas eleições autárquicas foram de uma grande potência autárquica!… Bom, até aqui, um bocado por desconhecimento… Confesso-vos que eu próprio desconhecia, mas fui ver e tinham elegido oito autarcas em 2021, nenhuns em lista própria, se não me falha a memória.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Estamos em 2025!

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Mas vamos olhar para os dados — eu sou uma pessoa de dados — e ver a grande potência autárquica do Livre.

Autarcas eleitos para assembleias municipais, em listas próprias, em 2021: zero!

Vereadores eleitos, em listas próprias, em 2021: zero!

Protestos do L.

Vereadores eleitos em 2025: zero!

Protestos do L.

De facto, conseguiram, à terceira — à terceira, Sr. Deputado! —, eleger 12 vereadores.

Protestos do L.

Peço desculpa, esqueci-me de 2017, em que, de facto, elegeram dois membros para uma assembleia de freguesia, não sei de cor qual foi.

Mas de resto, em 2017, vereadores eleitos em listas próprias: zero! Membros de assembleia municipal eleitos em listas próprias: zero!

Tal como o vosso discurso, do ponto de vista autárquico valem zero.

Aplausos da IL.

Protestos do Deputado do L Rui Tavares.

O Sr. **Presidente**: — Para uma intervenção, vou dar a palavra ao Sr. Deputado…

O Sr. Deputado Rui Rocha está a pedir a palavra para que efeito?

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — Sr. Presidente, para uma interpelação à Mesa sobre a condução dos trabalhos.

O Sr. **Presidente**: — Desde que seja mesmo, faça favor.

O Sr. **Rui Rocha** (IL): — É mesmo, Sr. Presidente.

Pedia a distribuição ao Sr. Deputado Jorge Pinto dos resultados eleitorais de Braga, onde concorri em nome da Iniciativa Liberal, sem qualquer coligação. Tivemos mais de 13 000 votos, contra pouco mais de 1600 votos do Livre — é essa a diferença entre nós!

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente**: — Será distribuído, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Tavares, do Livre, que dispõe de 6 minutos para uma declaração política.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Muito me contam!

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Sr. Presidente, Caras e Caros Colegas, Caros Concidadãos nas galerias: Parabéns a quem foi vitorioso nestas eleições autárquicas. Estamos aqui num ciclo de trabalho… Parabéns também àqueles que não conseguiram a eleição que tanto almejavam, que tenham quatro anos para percorrer mais as suas terras do que aquilo que fizeram durante os anos anteriores e que não apareçam lá só de paraquedas, de vez em quando, porque já se vê que o resultado não é bom.

O orador apontou a mão direita em direção à bancada do CH.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O que é isto?! Aqui não há paraquedistas! Paraquedista és tu! Estás a falar da minha bancada! Aqui não há paraquedistas!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Mas o…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Paraquedista és tu, que não aparecias na Câmara de Lisboa! Aqui não há paraquedistas, pá!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, faça favor de continuar.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Aqui não há paraquedistas!

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Paraquedista és tu! Aqui não há paraquedistas!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Pedro Pinto, se no final quiser dizer qualquer coisa…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Comigo não falas assim!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Mas eu não falei consigo!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Apontaste para a minha bancada! Não te permito isso!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado… Faça favor de continuar…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Que falta de respeito! Não te permito isso, tens de respeitar os Deputados!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, em democracia, a melhor razão de existirmos e fazermos política é participar em atos eleitorais, sejamos vencedores ou sejamos derrotados. Estarmos a viver em democracia é candidatarmo-nos, sermos eleitos e qualquer função é nobre e digna, desde que mereça o sufrágio dos nossos concidadãos.

Sr. Deputado Rui Tavares, faça favor de continuar. Estava a fazer uma intervenção que acho normal.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Sr. Presidente, muito obrigado, estamos irmanados em concordância consigo, o Deputado Pedro Pinto e eu. Estava precisamente a dizer: parabéns aos que venceram.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não, chamaste-me paraquedista!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Alguns Deputados desta Casa exercerão mandatos autárquicos, tal como eu fiz, com muita honra, na minha cidade, durante quatro anos; outros não o conseguiram, e o desejo que tenho é que possam estar bem presentes na vida das suas comunidades durante os próximos quatro anos.

Sr. Deputado Pedro Pinto, se me permite, até porque o assunto que aqui nos traz é outro, as eleições autárquicas já foram…

Protestos de Deputados do CH e do Deputado do CDS-PP João Pinho de Almeida.

Sim! Nós tivemos resultados moderadamente positivos, como eu disse logo na noite eleitoral. Se tivessem passado, turbinados, pelas agências de comunicação dos vossos partidos dizíamos que tínhamos multiplicado por oito! Até há quem diga que triplicou, mas precisa de uns assessores em matemática, que, aliás, darão bem jeito para aquilo que aqui nos traz, nestas declarações políticas.

O País também tem de avançar e temos o nosso próximo desafio que é o Orçamento do Estado, que é importante e não deve ser obscurecido por nenhuma espécie de debate mais ou menos… de qualquer tipo de bravata sobre eleições autárquicas.

A verdade é que todos os anos costumamos ter aquilo a que já nos habituámos a chamar — a imprensa, os comentadores — de «novela orçamental».

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Não! Este ano, não!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Ou seja, passamos muitos meses a discutir o Orçamento, mas quando ele é aprovado na generalidade e, de facto, começamos aqui a aprovar as medidas que mudam ou não a vida dos portugueses, na especialidade, de repente, há um desinteresse nacional geral sobre o tema do Orçamento.

Não é de hoje que, várias vezes, documentadamente, nos temos pronunciado contra este tipo de debate orçamental. Mas eis que, neste ano, parece que as coisas podem ser piores ainda, no sentido em que, talvez no afã de esvaziar a dita «novela orçamental», nos preparamos para ter um ciclo de debate orçamental em que já temos pré-anunciado que o Orçamento há de ser viabilizado.

Os partidos que o pretendem viabilizar explicarão as suas razões, e isso parece-me que vai esvaziar o debate na especialidade, o que seria verdadeiramente uma desistência em relação ao próprio País e aos nossos concidadãos.

E, ainda por cima, temos o Sr. Ministro das Finanças com uma linguagem acerca dos «cavaleiros orçamentais», pretendendo dizer que o Orçamento há de ser um documento completamente tecnocrático, em que não há medidas que ele considera que são espúrias à aridez desse documento, mas, na verdade, são aquelas que ajudam as pessoas no terreno.

Vou dar alguns exemplos daquilo que o Sr. Ministro das Finanças considera serem «cavaleiros orçamentais».

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Essa é uma expressão técnica, não é política!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Foi através do Orçamento, com propostas de alteração orçamental, que conseguimos o subsídio de desemprego para as vítimas de violência doméstica.

Aplausos do L.

Protestos do Deputado do CDS-PP João Pinho de Almeida.

Sr. Deputado João Almeida, que está a protestar, diga-nos se acha incorreto que tenha sido aí que se tenha aprovado uma medida que, podemos dizê-lo sem exagero, é de vida ou morte para as pessoas que dela dependem.

Foi num processo orçamental,…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Fora do Orçamento, fora!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — … com uma medida a que o Ministro das Finanças chamaria de «cavaleiro orçamental», que criámos o Passe Ferroviário Nacional, que hoje em dia o Governo chama de Passe Ferroviário Verde, e até se gaba muito dele, e bem. Mas, com a metodologia agora escolhida pelo Ministro das Finanças, não estaria lá.

Foi com uma proposta de alteração orçamental, os chamados «cavaleiros orçamentais», que aumentámos o abono de família para as famílias monoparentais, quando as pessoas mais sofriam com a inflação.

Esses ditos «cavaleiros orçamentais» só se forem verdadeiros cavaleiros andantes que vão ajudar as pessoas que estão desvalidas, preocupadas e perturbadas pelo andar da economia, dos acontecimentos e que precisam de fazer face às suas despesas.

Porque é que, e em nome de quê, se vai acabar com esta ideia de que, em sede de especialidade, o Parlamento tem a competência exclusiva para poder alterar o Orçamento, para poder ajudar, para poder cumprir com as promessas que fizemos aos nossos concidadãos?

Esta ideia, a impor-se e a ser apoiada, espero que não, pelos dois partidos que têm a capacidade de viabilizar o Orçamento, significaria o maior ataque à autonomia parlamentar em sede de Orçamento do Estado, significaria a maior desistência do Parlamento em relação aos seus concidadãos em qualquer processo de Orçamento do Estado, incluindo aqueles em Governos de maioria absoluta que, apesar das suas maiorias absolutas, permitiam que, através de propostas de alteração orçamental, os Deputados pudessem valer às suas terras, valer aos seus concidadãos, mudar para melhor a vida das pessoas.

Nada justifica esta estratégia de total despolitização do Orçamento como se isso fosse uma coisa boa, que não é.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Muito bem!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Que fique claro que, pelo menos, há aqui um partido — e gostaria de saber se há outros — que vai lutar para que os nossos concidadãos tenham resposta durante o processo orçamental e que os nossos concidadãos vejam alguém durante a discussão do Orçamento a lutar pelas pessoas.

Não se enganem: um Orçamento supostamente despolitizado é um Orçamento que tem escolhas também. Ainda hoje de manhã, o Deputado Paulo Núncio dizia que os portugueses acordaram mais descansados, dormiram melhor com uma diminuição na receita do Estado de 300 milhões através do IRC (imposto sobre o rendimento das pessoas coletivas). Eu não sei, depende.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Melhores condições!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Eu concordo, Sr. Deputado, concordo plenamente consigo. Se eu for CEO (*chief executive officer*), como agora se diz, da Galp, se calhar dormi melhor ainda. Não sei se costumam dormir mal.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Os trabalhadores ganham mais dinheiro!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Mas para toda a gente que não está a ver a escolha correspondente, os mesmos 300 milhões, a diminuir o IVA (imposto sobre o valor acrescentado), que, de facto, toda a gente paga, essas

pessoas não dormirão mais descansadas, a não ser numa religião do bezerro de ouro, que o Sr. Deputado conhece bem e que às vezes também dá umas marradas.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Caras e Caros Colegas, este Orçamento tem…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, inscreveram-se quatro Srs. Deputados para pedir esclarecimentos, aos quais, presumo, responderá dois a dois.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Sim, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Então, para o primeiro pedido de esclarecimento, tem a palavra a Sr.ª Deputada Paula Santos, do PCP.

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Rui Tavares, cumprimento-o pelo tema que traz a discussão.

Na Assembleia da República iremos ter oportunidade para aprofundar a discussão sobre o Orçamento do Estado, mas a questão que gostaria de lhe colocar hoje é a seguinte: na apresentação do Orçamento do Estado, o Ministro das Finanças, na sua intervenção, procurou fazer querer que o Orçamento do Estado seria quase um documento técnico sem opções políticas. Ora, isto trata-se, claramente, de uma manobra para eludir o povo português, talvez na tentativa, com o Chega ou com o Partido Socialista, de ter a sua aprovação.

Mas a verdade é que este Orçamento do Estado traduz todas aquelas que são as opções políticas do Governo do PSD e do CDS, pois, desde logo, é um Orçamento que agrava a injustiça fiscal, aprofunda as desigualdades e as injustiças, não dá resposta ao conjunto dos problemas que temos no nosso País, nomeadamente na saúde, na educação, na habitação.

Assim, a questão que queria colocar é se acompanha a apreciação do PCP de que estamos, de facto, perante uma manobra para esconder as consequências de uma opção política que não dá resposta aos problemas mais prementes sentidos pelos trabalhadores e pelo povo português.

É que parece, ao que tudo indica — e estamos ainda na fase inicial da discussão deste documento —, que será com o Partido Socialista ou com o Chega que este documento irá viabilizar opções que vão ser prejudiciais para o nosso povo e para o nosso País.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente**: — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Rui Cardoso, do Chega, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Rui Tavares, percebemos porque é que trouxe o tema daquilo que designou como «novela orçamental».

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Ó drama! Ó tragédia!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — A verdade é que vocês querem fugir àquele que foi o drama das eleições autárquicas do passado domingo.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — Por isso, de historiador para historiador, aquilo que lhe posso dizer é isto: acabou-se o tempo em que o Lenine de algibeira vinha para aqui debitar mentiras sem que tivesse oposição. Por isso, não admito que chame parasitas aos Deputados desta bancada.

Aplausos do CH.

Protestos do L.

Não admito que nos chame paraquedistas, porque fomos concorrer, dar a cara pelas terras onde temos as nossas famílias, onde temos as nossas origens. Fomos dar a cara pelos portugueses.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — E não temos, como o Livre tinha na Câmara Municipal de Lisboa, mais assessores do que Deputados no Parlamento. Tinham mais assessores na Câmara Municipal de Lisboa!

Aplausos do CH.

O Livre é o partido parasita que precisa do hospedeiro para sobreviver em eleições.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É um *fake*!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — É um partido urbano-depressivo, elitista, burguês e das cidades,…

Risos do L.

… que se esquece do campo, que se esquece do mundo rural e não concorre, nem tem abrangência nacional.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — O Chega concorreu a todas as autarquias. O Chega dá a cara todos os dias pelos portugueses. Não nos envergonhamos,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Pois não!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — … temos muito orgulho da bandeira que trazemos ao peito.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Rui Tavares, que dispõe de 3 minutos.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Sr. Presidente, Sr.ª Deputada Paula Santos, um orçamento despolitizado é um orçamento sem ambição. Não existe essa coisa de um orçamento tecnocrático, de um documento meramente económico, meramente financeiro. Isso não existe! E nós não podemos querer duas coisas ao mesmo tempo, que é andar durante o ano inteiro a dizer que o Orçamento é a lei mais importante que sai deste Parlamento, tem impacto sobre a vida de todos os residentes em território nacional para o próximo ano e, depois, por efeito em cadeia, para os outros anos também, e, de repente, chegar à hora do Orçamento e dizer «não, não vamos discutir nada do que importa, vamos apresentar isto, um orçamento é uma tabela e acabou».

Não, não, um orçamento não é uma tabela, um orçamento tem escolhas políticas, e muito importantes, e tem toda a razão em salientá-las. Resta saber se há aqui partidos que vão entrar nesta onda de esvaziar o Orçamento da sua ambição.

O Livre, e estou certo de que outros partidos também, apresentará todas as medidas que fazem a diferença na vida das pessoas, desde a comparticipação de medicamentos, até ao preço dos transportes públicos, até aos apoios a quem quer viver em conforto e dignidade nas suas casas — tudo isso são matérias que nos outros anos foram apresentadas, foram aprovadas até em tempos de Governo de maioria absoluta. E era o que faltava, com um Governo de minoria, talvez apenas e só se mancomunado com outros partidos que permitam viabilizar o Orçamento, esvaziarem o Parlamento da sua função, que é a de ajudar as pessoas.

Senão, temos de mudar a metodologia de tudo e acabar com a lei-travão,…

Protestos do CH.

… porque se nos dizem durante o ano inteiro «não legislem em nada que tenha impacto orçamental, porque para isso existe o Orçamento», então, não podemos chegar ao Orçamento e dizer «não façam nada daquilo que tem impacto orçamental, porque este é um documento meramente técnico». Quer dizer, não se pode querer ter o bolo e comê-lo ao mesmo tempo.

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

O Orçamento tem sido, até agora, o lugar para escolhas políticas. Se querem mudar as regras, mudemo-las, mas não desta maneira.

Sr. Deputado Rui Cardoso, de historiador para historiador, estas coisas fazem-se com documentos…

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — Com fontes!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — … e com dados — é assim que se comparam — e fazem-se cotejando as palavras que foram efetivamente ditas pelos contemporâneos, pelos autores históricos, coevos, que estavam lá quando as coisas se deram.

A verdade é que, para o Livre — e porque não temos um discurso tão tonitruante como o seu, «tragédia», «drama», «urbano-depressivo», e tal,…

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

… pois não fomos ao dicionário de sinónimos procurar coisas para ver se dizíamos umas coisas que tivessem efeito aqui —, foi moderadamente positivo, porque multiplicar por oito é o que consideramos… queríamos mais, evidentemente.

Devo dizer-lhe que, em relação a dar a cara, o líder do seu partido, Deputado André Ventura, andou para aí a dizer que ia eleger 60 câmaras, depois 30, depois 10, pelo menos. Pelo menos!…

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

Eu vi que, entre as eleições de 18 de maio e as atuais, ele não saiu das televisões a dar entrevistas em exclusivo o tempo todo, inaugurando um conceito que é o exclusivo em simultâneo.

Protestos do CH.

Devo dizer que qualquer político aqui, se tivesse tido tanta ajuda e se, no fim, apresentasse três câmaras municipais, apenas mais uma do que tem o Livre, seria um fracasso, e por isso é que ele não está aqui a dar a cara. Um fracasso!

Aplausos do L.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O Eurico tem mais piada! És a muleta do Eurico!

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos continuar.

Dou agora a palavra, para pedir esclarecimentos, ao Sr. Deputado Alberto Fonseca, do PSD, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Alberto Fonseca** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, queria começar por cumprimentar o Livre e, em especial, o Sr. Deputado Rui Tavares por ter trazido aqui esta espécie de corta-sabores nesta tarde em que debatemos essencialmente as autárquicas.

De facto, foram vários os partidos que escolheram o tema das autárquicas para debater aqui hoje — que é um tema também muito caro ao PSD —, mas devo admitir que gosto de corta-sabores e também gosto muito do orçamento, em especial do Orçamento para 2025 e do Orçamento para 2026, por isso agradeço-lhe a oportunidade.

No Orçamento para 2025 já demonstrámos que viemos para fazer diferente. O Governo da AD, na sua proposta de Orçamento, que está a ser executada este ano, reduziu os impostos, em especial os impostos sobre o rendimento, que são aqueles que eu julgo que todos estamos de acordo que merecem ser reduzidos; aumentámos salários e pensões; valorizámos a Administração Pública, e estou certo de que o Livre também concorda com isso; aumentámos o investimento público; e conseguimos tudo isto reduzindo a dívida pública e assegurando um *superavit* nas contas públicas.

No Orçamento para 2026, que foi o tema que o Sr. Deputado Rui Tavares trouxe a debate, nós vamos continuar este trabalho, ou seja, vamos continuar a reduzir os impostos sobre os rendimentos, já o fizemos no IRS (imposto sobre o rendimento das pessoas singulares) ao longo deste ano e vamos continuar a fazer no próximo ano; vamos reduzir a carga fiscal, e estou certo de que o Livre também nos acompanha nesta nossa iniciativa; vamos continuar a aumentar o investimento público e a executar o PRR (Plano de Recuperação e Resiliência); e vamos assegurar um crescimento económico acima da média europeia, que é muito importante, mantendo, naturalmente, o *superavit* das contas e continuando a reduzir a dívida pública.

O Sr. Deputado fez um grande discurso sobre Orçamento, mas não se aproveitou grande coisa da mensagem política que queria trazer. Porventura, a única conclusão a que chego é que quer pressionar um pouco mais o PS por ele estar um pouco mais alinhado com o caminho que a AD está a levar para o País. Quer, então, distanciar-se um pouco do PS.

O que é certo é que no ano passado tivemos, salvo erro, cerca de 2300 propostas de alteração ao Orçamento, e convenhamos que isso não é sustentável.

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — A democracia é uma chatice!

O Sr. **Alberto Fonseca** (PSD): — Não é razoável termos tantas propostas e, no meio das mais de 200 propostas do Livre, é certo que havia algumas que até mereceram a nossa aprovação, é certo que nem tudo está mal, algumas estão, mas há muitas que não fazem sentido nenhum.

E aquilo que queria perguntar ao Sr. Deputado é se, perante este Orçamento, vai votar a favor…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado António Mendonça Mendes, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **António Mendonça Mendes** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Rui Tavares, cumprimento-o pelo tema que traz ao Plenário e acho que é muito importante que todos nós possamos refletir sobre o processo orçamental.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E que se lixem as autarquias!

O Sr. **António Mendonça Mendes** (PS): — Nós não acompanhamos a ideia de esvaziamento do debate orçamental.

Uma coisa é nós considerarmos que há um Orçamento do Estado que é vazio de políticas e, objetivamente, este Orçamento do Estado é um vazio de políticas, mas este Orçamento do Estado não é neutro, porque ele tem pressupostos e escolhas que são tudo políticas.

Sr. Deputado Rui Tavares, se é verdade que o Orçamento do Estado e a sua discussão são uma oportunidade de propositura, uma oportunidade de, perante aquilo que é a lei-travão, os partidos da oposição poderem apresentar propostas que consubstanciam despesa — e deu aqui um excelente exemplo do Passe Ferroviário Verde, que hoje beneficia milhares de pessoas, que é da sua autoria, Sr. Deputado Rui Tavares, e que foi aprovado por esta Assembleia quando o PS tinha maioria absoluta —, também é verdade que a discussão do Orçamento do Estado não se esgota nesses temas, porque este é um Orçamento do Estado que tem um pressuposto, que é o das escolhas políticas do Governo, que prefere baixar o IRC a aumentar de forma estrutural as pensões. Esse é o pressuposto deste Orçamento do Estado.

Este Orçamento do Estado tem também um pressuposto que é uma proposta da direita: depois de terem aprovado uma descida de impostos às empresas, acham, então, que vamos voltar a crescer mais 3 %, quando foi exatamente o ponto em que o PS deixou o País a crescer, 3,1 %.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Muito bem!

O Sr. **António Mendonça Mendes** (PS): — Por isso, Sr. Deputado Rui Tavares, desafio-o ao seguinte: não esvaziemos aquilo que é a discussão política do Orçamento, porque esse esvaziamento é aquele que interessa à direita. Devemos discutir todas as opções deste Governo, mas devemos também dignificá-lo e não apresentar centenas de propostas que apenas desmerecem o processo orçamental.

Aplausos do PS.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Aí tem razão!

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Rui Tavares, tem 3 minutos para responder.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Alberto Fonseca, queria cumprimentar, na sua pessoa, o seu partido pelas vitórias eleitorais que tiveram e pela conquista da Associação Nacional de Municípios Portugueses. O vosso partido, o PSD, foi, de facto, vitorioso na noite eleitoral, e acho que isso deve ser reconhecido.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cardoso** (CH): — Não ias falar do Orçamento?

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Se é verdade que muitas vezes é em coligação, as coligações estão nas regras do jogo e os outros têm de aprender a jogá-lo, de preferência não engolindo os tais sapos programáticos de que falava aqui o meu colega e camarada Jorge Pinto.

Protestos do Deputado do CH Bruno Nunes.

Devo dizer que há muito com que poderia concordar na sua intervenção, porque uma parte dela é técnica, mas há um detalhe no qual gostaria de me de me concentrar e que tem a ver com o *superavit* das contas públicas.

Não acho que seja correto dizer que o Governo se apresenta com *superavit*. A administração central não tem um excedente. As contas do Estado, como apresentadas a Bruxelas, que obriga a que se englobe a administração central e a Segurança Social, têm um excedente, mas acho que é desdouro, até do partido que esteja no Governo e que o apoia…

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

Sr. Deputado Hugo Soares, sei que às vezes é muito resmungão, mas oiça-me, oiça-me só até ao fim.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Mau feitio!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Qualquer Governo vai, é evidente, assumir para si o mérito daquilo que acha que é seu mérito, mas não pode nunca esquecer que se apresentamos contas boas em Bruxelas é porque os trabalhadores — aqueles que contribuem para a Segurança Social, todos os trabalhadores, incluindo os funcionários públicos que a IL quer despedir, incluindo os imigrantes que são metade do excedente da Segurança Social,…

Vozes do CH: — Falso, falso!

O Sr. **Rui Tavares** (L): — … os imigrantes com os quais o Chega se obceca tanto — são os responsáveis por termos as contas do Estado acima da linha de água.

Portanto, precisamente por isso, quando aqui neste Parlamento discutimos o Orçamento, estamos a discutir o que foi o sacrifício de toda a gente durante um ano inteiro. E o Governo, por umas medidas boas, outras más, umas de que gosta muito, outras de que nós não gostamos tanto que se apresente aqui, não pode dizer ao Parlamento: «Olhem, gastámos tudo até agora. Vocês vejam lá, sejam responsáveis, agora não há nada para gastar.»

Não é assim que funciona. Um Parlamento, historicamente, se tem responsabilidade sobre alguma coisa é sobre a tributação e sobre o Orçamento. É assim em qualquer Parlamento do mundo.

E isso leva-me à minha resposta ao pedido de esclarecimento do Deputado António Mendonça Mendes. Compreendo perfeitamente a vontade de retirar, de certa forma, a carga dramática daquilo que têm sido crises políticas, com os chumbos de orçamentos a levarem a eleições antecipadas e, portanto, de corrigir esse rumo por partes de partidos que estiveram no Governo ainda recentemente e que sofreram, aliás, com essas crises políticas. No entanto, «nem tanto ao mar nem tanto à terra». Aquilo que se está a preparar é, basicamente, um baixar de armas do Parlamento ainda antes do processo orçamental se ter iniciado. Essas centenas de emendas de que fala o Sr. Deputado são emendas que estão lá no terreno a ajudar as pessoas hoje.

Não podemos desistir das pessoas e as pessoas têm de nos ver a lutar por elas no Orçamento. Qualquer abstenção, por exigente que seja, pré-anunciada, não faz isso.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Para uma declaração política, tem a palavra o Sr. Deputado Alfredo Maia, do Partido Comunista Português.

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Sr. Presidente, Srs. Deputados: Caiu a máscara ao Governo!

Protestos de Deputados do CH.

Muita demagogia, mas com o pacote laboral o propósito é claro: promover o assalto aos direitos dos trabalhadores. O Governo ao serviço do patronato tem pressa na sua cruzada contra os trabalhadores e os seus direitos.

Diz a ministra, e cito, que estamos numa «situação que não é de crise, com o tempo adequado para refletir», mas que a reforma da legislação laboral, volto a citar, «é urgente» e que a discussão da concertação social «não pode eternizar-se».

É que está aí, com força e determinação, a resistência dos sindicatos à declaração de guerra aos trabalhadores, mas também a oposição de outros importantes setores que denunciam o conteúdo iníquo do novo pacote laboral. Uma força, uma determinação e uma denúncia firme a que o PCP dá voz na Assembleia

da República, aliás, o órgão legítimo para legislar sobre estas matérias e que contará com a nossa total oposição à ofensiva em marcha contra quem trabalha e quem produz.

Aí está o Governo, instruído e mandatado pelo patronato, com a falácia de que pretende modernizar a legislação laboral, numa falsa perspetiva do trabalho no século XXI. A verdade é que a sua reforma se inspira em conceções e práticas típicas do século XIX, da Revolução Industrial,…

Protestos do Deputado do CDS-PP Paulo Núncio.

… que retoma ou que reforça mesmo com o agravamento da precariedade; com o alargamento dos contratos a prazo; com a manutenção e o aprofundamento do modelo de baixos salários, a tentativa de redução do pagamento de trabalho suplementar para favorecer ainda mais os lucros do patronato; com a gritante desregulação das relações de trabalho e o ataque à contratação coletiva; com a apropriação ainda maior do tempo de vida pessoal e familiar dos trabalhadores, a desregulação da vida das pessoas e o desrespeito pelos direitos de maternidade e de paternidade; com a desregulação dos horários, a intensificação dos ritmos e da duração de trabalho e os bancos de horas, com o banco de horas individual e a imposição generalizada do banco de horas grupal; com o ataque aos direitos de organização dos trabalhadores, à liberdade sindical e ao direito à greve para limitar a força dos trabalhadores, a sua resistência às arbitrariedades patronais e dificultar a luta por direitos e por salários.

É também uma reforma que faz tábua rasa de direitos fundamentais consagrados na Constituição da República e que visa tornar ainda mais fáceis e mais baratos os despedimentos.

É o caso da tentativa de introduzir o despedimento sem justa causa, num despudor que vai ao ponto de nem sequer obrigar a reintegração do trabalhador, mesmo que os tribunais declarem a ilicitude do despedimento.

É o caso da tentativa de dinamitar o direito à greve, uma conquista dos trabalhadores pela qual tantos sofreram décadas e décadas de perseguições, prisões, torturas e assassínios.

Perante o crescendo de resistência a que já não é possível ficar indiferente, o Governo, no afã de servir o seu amo, enceta uma fuga para a frente, acenando agora aos grupos parlamentares que com ele queiram negociar a reforma, certamente o Chega e a Iniciativa Liberal.

Sucede que esta reforma não é negociável nem reformável. Todo este pacote deve ser rejeitado e só tem um destino possível: o caixote do lixo. É lá que também devem ir parar todas as normas gravosas do Código do Trabalho, que há muito deveriam ter sido revogadas, e que nem PSD e CDS, nem PS, mesmo quando teve maioria absoluta e poderia fazê-lo, quiseram eliminar.

Como o PCP bem denunciou aquando da discussão da chamada Agenda do Trabalho Digno, o Governo e a maioria absoluta do PS não só não quiseram mexer nas normas indignas como, apoiados pela direita, resistiram às propostas progressistas que aqui apresentamos.

É tempo de revogar as normas do Código sobre a caducidade e a sobrevigência das convenções coletivas, uma poderosa arma nas mãos do patronato para cortar direitos e impor ainda mais exploração e baixos salários.

É tempo de revogar a presunção da renúncia à impugnação judicial do despedimento coletivo em caso de aceitação do depósito da indemnização, uma norma que coloca o trabalhador entre a espada e a parede.

É tempo, Srs. Deputados, de repor o princípio do tratamento mais favorável ao trabalhador, o pagamento e a compensação pelo trabalho suplementar e em dia de descanso ou feriado. Mas, Srs. Deputados, o PCP cá está e estará, como sempre esteve, coerente e firme. Os trabalhadores sabem com quem contam.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O Paulo Raimundo onde é que está?

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado tem seis pedidos de esclarecimento. Responde em grupos de três?

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Sim, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Então, o primeiro pedido de esclarecimento é da Sr.ª Deputada Andreia Galvão, do Bloco de Esquerda.

A Sr.ª **Andreia Galvão** (BE): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Alfredo Maia, ontem todas as centrais sindicais belgas pararam o país contra as alterações às leis do trabalho e em defesa do direito ao trabalho e ao salário.

Esta mobilização, com a sua especificidade, tem um denominador comum: a unidade dos trabalhadores face à guerra, à precariedade e à degradação dos direitos laborais. E mostra que, por toda a Europa, cresce a coerência da ideia de que a paz e os direitos sociais andam juntos e de que não há democracia sem trabalho com direitos.

Vemos isso em Espanha, vemos isso em Itália, vemos isso na Grécia, onde, nas últimas semanas, os trabalhadores se mobilizaram em massa contra a jornada de trabalho de 13 horas.

Em Portugal, ao mesmo tempo que o Governo anuncia novas alterações ao Código do Trabalho, que fragilizam ainda mais os vínculos laborais e a contratação coletiva, assistimos a uma vaga de despedimentos coletivos e encerramentos em empresas do setor têxtil e calçado, no norte do País, e vemos casos como o da Teleperformance, onde há um despedimento em massa de mais de 240 trabalhadores, muitos deles jovens, com vínculos precários e baixos salários.

Tudo isto feito num discurso…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone da oradora foi automaticamente desligado.

O Sr. **Presidente**: — Terminou o seu tempo, Sr.ª Deputada, tinha 1 minuto.

Sr. Deputado Bruno Nunes, do Chega, tem 2 minutos para o seu pedido de esclarecimento.

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Sr. Presidente, não posso começar esta intervenção sem saudar María Corina Machado, que lutou contra a ditadura comunista na Venezuela e, por isso, foi saudada com o Prémio Nobel da Paz.

Aplausos do CH.

Aproveitando esta minha intervenção, os senhores já repararam que sempre que estamos em cima do Orçamento do Estado vem esta ameaça da foice e do martelo, de irem todos para a rua? Lá vem a CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional), o braço armado, ameaçar com as greves, instrumentalizar os trabalhadores, colocar os pobres contra os ricos, o empresário contra o trabalhador.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Parece que os empresários não trabalham em Portugal e que é tudo uma cambada de gente que não faz nada e que anda a passear em flotilhas. Os senhores brincam com isto e metem constantemente a sociedade uma contra a outra. É sempre a lógica de «a empresa tem de ir abaixo», «ou está do lado da revolução ou está do lado da reação». Isso já passou, tenham calma, já não rende.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Continuam com esta postura completamente descabida. As vossas propostas para o Orçamento do Estado, parte delas, estavam em *fax*, porque são de 1980.

Aplausos do CH.

Replicam todos os anos, sempre a mesma coisa, sempre a mesma conversa, sempre o ataque constante a quem quer trabalhar. Vêm com a lógica do capital, do Marx, lá atrás, de tentar instrumentalizar e que não aceitam, porque querem controlar os trabalhadores de tal maneira, que os trabalhadores possam votar à direita.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Como se fossem vocês apenas que trabalhassem!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Como se fossem vocês os únicos puros no mercado! Tenham vergonha! São vocês que alimentam a subsidiodependência. As regras e as leis do trabalho são culpa vossa ao longo de 50 anos, que as limitam.

Aplausos do CH.

Aproveitem para explicar ao Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias que não dá para despedir funcionários municipais assim.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem!

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Sabem porquê? Porque vocês estrangularam de tal maneira a lei, o Partido Comunista está, de tal forma, dentro da lei do trabalho que é impossível a quem gere, a quem organiza, a quem lidera fazer uma gestão correta para, de facto, criarmos riqueza para a poder distribuir.

Aplausos do CH.

A única palavra que vocês têm é «distribuição». Vocês estão acabados, ultrapassados e já deviam ter sido extintos.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para pedir esclarecimentos, a Sr.ª Deputada Carla Barros, do Partido Social Democrata.

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, Sr. Deputado Alfredo Maia, o Sr. Deputado sabe bem que, neste momento, ao trazer a discussão da reforma laboral a debate, está a fazer uma discussão fora do tempo.

Protestos da Deputada do PCP Paula Santos.

Sabe que, neste momento, o Governo está em reuniões permanentes com a concertação social, negociando uma boa proposta com os representantes dos trabalhadores e com os representantes das empresas.
O Sr. Deputado Alfredo Maia e o PCP nunca respeitaram no Parlamento o valor da concertação social.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — A Ministra também não!

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — Nem no Parlamento o PCP respeita o valor da concertação social nem a CGTP-IN quer dar ouvidos às brilhantes propostas que o Governo tem, em sede de reuniões deste diálogo social.

Protestos da Deputada do PCP Paula Santos.

Sr. Deputado Alfredo Maia, referiu-se, na sua intervenção, a uma expressão muito estranha, que achei indelicada: «caixote do lixo». Ó Sr. Deputado, no caixote de lixo…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Está o PCP!

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — … deve o Sr. Deputado colocar essa visão bloqueadora, ideológica, castradora do desenvolvimento da sociedade e da economia,…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

… para deixarem definitivamente os trabalhadores e as empresas chegarem aos melhores acordos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — Essa sua visão já não existe, Sr. Deputado.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — É verdade!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Era a do Álvaro Cunhal!

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — Por isso, pergunto-lhe, e dou-lhe uma oportunidade: está o Sr. Deputado, e o PCP, disponível para, quando esta proposta de lei entrar no Parlamento, vir discutir connosco a melhoria das condições de trabalho e dos direitos dos trabalhadores,…

Protestos da Deputada do PCP Paula Santos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não lhes interessa!

A Sr.ª **Carla Barros** (PSD): — … a melhoria dos rendimentos dos trabalhadores e das empresas, a melhoria de políticas da família, a melhoria do emprego para os jovens, a melhoria e o aumento das licenças de parentalidade para mães e pais?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Sr. Deputado, queria que viesse à discussão. Venha connosco, porque é o melhor que faz ao País.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para responder, o Sr. Deputado Alfredo Maia, que dispõe de 3 minutos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Embora, Alfredo. Força!

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Sr. Presidente, agradeço aos Srs. Deputados Andreia Galvão, Bruno Nunes e Carla Barros as questões que colocaram. Irei responder-lhes por ordem.

Em primeiro lugar, a Sr.ª Deputada Andreia Galvão tem toda a razão. Há, de facto, um crescendo, por toda a Europa, de resistência dos trabalhadores, dos seus sindicatos, das suas organizações, a uma ofensiva patronal que é muito severa. E não é por acaso que, nomeadamente em Portugal, as reformas laborais visam, justamente, quebrar a espinha aos sindicatos. E contra ela, cá estamos.

Sr. Deputado Bruno Nunes, o modelo de exploração que os senhores defendem, esse, sim, é que é bafiento. E cá estamos…

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Não, é o soviético! O vosso!

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — É o modelo típico do século XIX, da revolução industrial, e cá estamos para lhe resistir.

O Sr. **Bruno Nunes** (CH): — Pensas que pensas, pensas mal. Quem pensa por ti é o Comité Central!

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Sr.ª Deputada Carla Barros, não há nenhuma discussão fora de tempo. Acho que não está bem informada. Ainda ontem, a Sr.ª Ministra ameaçou publicamente os parceiros de que avançará com o pacote laboral nesta Câmara, mesmo que não passe na concertação social.

A Sr.ª **Susana Correia** (PS): — Ora!

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Portanto, lá vai o «Ai, Jesus!» da Sr.ª Ministra que é a concertação social, não somos nós que o dizemos.

A Sr.ª Deputada pergunta se o PCP está disponível para negociar nesta Câmara o pacote laboral.

Creio que não podia ter sido mais claro, há momentos, quando declarei que este pacote é inegociável, é irreformável, não tem solução e tem de ser retirado. Creio não poder ser mais claro do que isto na resposta que tenho para lhe dar.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ó Alfredo…!

Entretanto, assumiu a presidência o Vice-Presidente Rodrigo Saraiva.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos passar à segunda ronda de pedidos de esclarecimento ao Sr. Deputado do Grupo Parlamentar do PCP.

Desta vez, vamos começar no Grupo Parlamentar do Livre. Para pedir esclarecimentos, tem a palavra a Sr.ª Deputada Isabel Mendes Lopes, que tem até 2 minutos para o efeito.

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Alfredo Maia, o Governo apresentou-nos um pacote de alteração à legislação laboral chamado Trabalho XXI, mas, na verdade, se pensarmos no que será o trabalho no século XXI, o que é que queremos do trabalho no século XXI, é exatamente o oposto do que está neste pacote laboral.

Com a tecnologia e os avanços tecnológicos que conquistámos, temos todos a possibilidade de trabalhar menos horas, de ter mais tempo livre e mais tempo para a nossa família.

O conhecimento científico que temos sobre o impacto do trabalho por turnos, o impacto que o trabalho tem na nossa vida, a necessidade de estarmos mais tempo com a nossa família, a necessidade de as crianças de estarem mais tempo com os seus pais, de serem verdadeiramente acompanhadas, a necessidade de pais e mães passarem mais tempo com os seus bebés no primeiro ano de vida,…

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

… tudo isso devia infirmar e alterar o nosso código laboral. Isso, sim, é que seria um trabalho do século XXI, não este pacote que o Governo nos apresenta.

Este pacote que o Governo nos apresenta não é só um ataque ao direito dos trabalhadores, é também um ataque ao direito das famílias.

Quando restringimos a amamentação; quando não aumentamos a licença parental, conforme a Organização Mundial da Saúde recomenda; quando desregulamos horários; quando facilitamos a precariedade, estamos, na verdade, a impedir que as famílias estejam em situação mais saudável e que os pais passem mais tempo com as suas crianças. Por isso é que tem havido imensa resistência na concertação social, com manifestações por todo o País.

Agora a Sr.ª Ministra diz-nos que vai avançar, mesmo sem o acordo dos parceiros sociais, contra tudo e contra todos. Mas a verdade é que a legislação virá a este Parlamento. Portanto, o Governo vai precisar de arranjar aliados para conseguir fazer avançar este seu projeto da legislação laboral.

Assim, a minha pergunta é: como é que partidos que se dizem amigos das famílias, amigos das crianças, podem, de alguma forma, dar a mão ao Governo neste pacote laboral?

Como temos visto sucessivamente, de facto, estes partidos não são amigos das famílias. Vamos ver como é que se vão posicionar. A minha pergunta, Sr. Deputado Alfredo Maia, é: como é que entende um partido que se posiciona desta forma e acompanha a legislação laboral que…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone da oradora foi automaticamente desligado.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimentos é do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, que tem até 2 minutos.

Tem, assim, a palavra o Sr. Deputado Hugo Oliveira.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Pensava que ia ser o Eurico outra vez!

O Sr. **Hugo Oliveira** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Alfredo Maia, vamos percebendo que esta vontade do Governo do PSD e do CDS de alterar a lei do trabalho em nada tem que ver com o aumento do direito dos trabalhadores. Pelo contrário, tem que ver com retirar direitos aos trabalhadores.

Nesta matéria, o Partido Socialista é claro: o Governo não contará com o apoio do Partido Socialista para o aumento dos limites dos contratos a termo certo, para a eliminação da proibição da contratação em *outsourcing* após despedimentos, para o regresso do banco de horas individual, para a facilitação dos despedimentos, para as alterações à lei da greve.

Somos claros nesta matéria, não somos um partido imobilista em nenhuma área e a prova disso é a lei que aprovámos, também com o PCP, a Agenda do Trabalho Digno.

Protestos do Deputado do CH Jorge Galveias.

Também na área do trabalho fizemos alterações, e as alterações que fizemos foi para melhorar as condições dos trabalhadores.

Quanto ao conteúdo das propostas que vamos ouvindo, deixamos clara a nossa posição de sermos contra. A pergunta que gostaria de lhe deixar, Sr. Deputado, não é em relação ao conteúdo, mas em relação à forma. Pergunto se não acha incorreto, se não acha desleal que o Governo apresente agora alterações tão profundas como estas, quando, ainda há poucos meses, em campanha eleitoral, nada disto mencionou aos portugueses.

É esta a pergunta que lhe quero deixar: não considera incorreto, não considera desleal que um Governo, passados poucos meses, apresente alterações tão profundas sem que, em campanha eleitoral, tenha mencionado que as iria fazer?

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado, o último pedido de esclarecimentos é da Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real, que tem até 1 minuto para o efeito.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Hum… Um minuto!

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Alfredo Maia, há uma dimensão deste tema sobre a qual também gostaria de o questionar.

Em 2024, tivemos cinco mulheres grávidas por dia a serem despedidas. Tivemos também, só num ano, mais de 2000 mulheres a perderem o emprego por serem mães.

Protestos do CH.

O que nos aparece, no entanto, perante estes casos reais — que são mais do que dados —, é um anteprojeto do Governo que trata, na verdade, a maternidade como se fosse uma fraude. Isso vê-se na dispensa para amamentação, nos recuos que pretendem fazer na partilha da licença parental ou, até mesmo, nas condicionantes para a apresentação de atestado médico.

O PAN já apresentou uma proposta que visa garantir não só o gozo da licença partilhada entre pai e mãe, sem perda de direitos, mas também que o parecer da CITE (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego) seja obrigatório, independentemente da circunstância, ou seja, do despedimento de grávidas, puérperas e lactantes.

Por isso, pergunto se concorda com esta proposta…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O que é que o Alfredo vai responder a isso?

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — … e, tendo em conta os retrocessos claros a que estamos aqui a assistir por parte do Governo, se estão disponíveis para trabalhar com o PAN nesta matéria, para que as mulheres não assistam a recuos, mas possam, sim, seguir o caminho profissional ou pessoal que bem entenderem.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Trabalhar com o PAN?! Três Deputados do PCP mais um do PAN dá quatro! O que é que vão fazer?!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder, dispondo de 3 minutos, tem a palavra o Sr. Deputado Alfredo Maia.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O que é que o Alfredo vai responder a isso? Vai perguntar ao Paulo Raimundo!

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, Sr.ª Deputada Isabel Mendes Lopes, subscrevo, no essencial, as questões que colocou e o enfoque que lhes deu.

De facto, no que diz respeito ao clamoroso retrocesso que este pacote laboral representa em termos do esbulho do tempo dos trabalhadores e das suas famílias, intitulando-se de política de trabalho para o século XXI, ele vai completamente em contraciclo, porque era suposto que os avanços técnicos, tecnológicos e organizacionais permitissem, pelo contrário, a diminuição das jornadas de trabalho e, até, o aumento do número de dias de férias.

O que acontece é que o patronato intensifica cada vez mais a exploração do tempo de trabalho dos trabalhadores, e este Governo e a direita continuam disponíveis para lhe alimentar essa voragem.

Sr. Deputado Hugo Oliveira, antes de mais, um esclarecimento que se impõe: o PCP votou contra a mal chamada Agenda do Trabalho Digno.

Protestos do Deputado do PS Hugo Oliveira.

E não digo isto por acaso, porque foi como a classificámos na altura, sem prejuízo de reconhecermos os avanços que ela continha.

O Sr. Deputado evocou aqui o dever de lealdade da AD, do PSD e do CDS, mas é importante termos presente, para não nos equivocarmos nem alimentarmos ilusões, que a lealdade do PSD e do CDS não é para com os trabalhadores. A lealdade do PSD, do CDS, do Chega e da Iniciativa Liberal é para com o patronato. E isso faz toda a diferença.

A Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real tem toda a razão. Esta questão da proteção da maternidade e da paternidade é um tema que, como sabe, é muito caro ao PCP.

O PCP desde os anos 70 que apresenta propostas nesta área. E é graças às suas propostas que temos verificado avanços fundamentais. É pena — e sabemos isso — que na legislatura anterior o novo avanço que poderia ter sido dado com a revisão da licença parental tenha sido travado pela direita e, já agora, com a

abstenção do Partido Socialista. É que, se esse processo, essa iniciativa legislativa de cidadãos para a qual contribuíram também os vários partidos, se tivesse concretizado, esse avanço teria sido fundamental para as mães, para os pais, mas, sobretudo, para as crianças, que seriam as grandes beneficiárias dos avanços que não desistimos de procurar alcançar.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado, vamos passar à declaração política do Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Tem a palavra o Sr. Deputado João Almeida, que terá até 6 minutos.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: Na sequência das eleições autárquicas, queremos, em primeiro lugar, saudar todos os votantes; saudar todos aqueles que foram candidatos; saudar os eleitos; e saudar, naturalmente, o PSD, parceiro de coligação do CDS, por ter sido o partido que elegeu mais presidentes de câmara, que liderará a Associação Nacional de Municípios Portugueses e que liderará a Associação Nacional de Freguesias, na sequência destas eleições.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Quanto ao CDS, permitam-me só uma nota inicial: para partido que estava morto e que teve tantas certidões de óbito passadas por tantos Deputados desta Casa, não sobrevivemos nada mal.

Risos da Deputada da IL Mariana Leitão.

Mas vamos a isso.

Neste ciclo político do CDS, liderado por Nuno Melo, o CDS começou com zero Deputados, com essa morte anunciada, com muita gente a dizer que era uma questão de tempo que essa morte se consumasse e que — muitos diziam — nenhum partido que saísse do Parlamento algum dia voltaria e continuaria a existir.

Fomos a votos nos Açores, elegemos Deputados e fazemos parte do Governo Regional.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Fomos a votos na Madeira três vezes, duas delas em listas próprias, elegemos Deputados e fazemos parte do Governo regional.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Fomos a votos em eleições legislativas duas vezes, em coligação com o PSD, em AD, elegemos Deputados e fazemos parte do Governo.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Fomos a votos no Parlamento Europeu, em coligação, e elegemos uma Deputada europeia.

Mas diziam-nos: «Isto é só até irem a votos sozinhos. Estão a reboque do PSD, são muleta do PSD, não elegem ninguém quando forem a votos sozinhos, só em coligação.»

Vamos, então, a eleições autárquicas e, para começo de conversa, só em listas próprias; já vamos às coligações.

Em listas próprias, o CDS tinha seis presidentes de Câmara, passou a ter sete.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Seis!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Liderava seis câmaras sozinho, continua a liderar seis câmaras sozinho.

Estava presente na governação de 48 municípios do País; está presente na governação de 66 municípios do País.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Bom!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Tem mais presidentes de junta de freguesia do que tinha, tem mais presidentes de assembleia municipal do que tinha.

Ouvi, durante os últimos dois anos, aqui, de muitos Deputados, de muitas bancadas, dizer que o CDS não existia, que tinha morrido e que, quando fosse a votos sozinho, isso iria consumar-se.

Quero só dizer, Sr.as e Srs. Deputados de várias bancadas, sozinho, sem contar coligações, podem escolher um de três critérios — podem escolher presidentes de câmara municipal, podem escolher presidentes de assembleia municipal, ou podem escolher presidentes de junta de freguesia. Relembro: sozinhos, sem coligações, o CDS tem mais presidentes de câmara, mais presidentes de assembleia municipal e mais presidentes de junta de freguesia que o Chega, que a Iniciativa Liberal,…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — … que o Livre, que o Bloco de Esquerda, que o PAN e que o JPP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não é verdade!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — E não é mais do que cada um destes partidos isolados, é mais do que estes todos juntos, em qualquer dos critérios; mais do que estes todos juntos e apenas em listas próprias, sem contar qualquer coligação.

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

O CDS elegeu, como disse, seis presidentes de Câmara em listas próprias e lidera mais uma Câmara eleito em coligação.

É o único partido que ganhou todas as câmaras que estavam em limitação de mandatos — e é bom lembrar isto também: é verdade que voltámos a ganhar as seis câmaras que tínhamos, mas três delas com novos presidentes, porque estavam em limitação de mandatos.

Elegemos uma mulher Presidente de Câmara, que não tínhamos, a Catarina Cabeceiras, nas Velas, mas também elegemos o Carlos Coelho, em Albergaria — algumas vezes, as lutas autárquicas são mesmo assim, contra o nosso parceiro de coligação. Em Albergaria elegemos o Presidente da Câmara com uma maioria absoluta contra uma coligação do PSD e da Iniciativa Liberal — é normal, é assim em eleições autárquicas;…

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

… noutros casos perdemos, é a vida.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bela tareia!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Renovámos os mandatos que tínhamos.

Vamos então agora, e só no minuto e meio final, às coligações, porque temos muito orgulho de termos participado nelas.

Estamos em quatro das cinco câmaras maiores do País,…

Protestos do CH.

… e não estamos para fazer número.

O CDS teve o segundo candidato na lista de Braga; o CDS teve o segundo candidato na lista do Porto;…

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

… o CDS liderou a lista à Assembleia Municipal de Cascais; o CDS liderou a lista à Assembleia Municipal de Aveiro; o CDS preside à Junta de Freguesia de Ramalde, no Porto; do Parque das Nações em Lisboa; de Cascais e Estoril, em Cascais; ou de Olival, em Gaia, só para falar dos maiores concelhos do País.

Passámos o maior teste de sobrevivência ao partido: eleições em 308 concelhos do País.

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

Passámos um teste que consolidou o CDS como partido com responsabilidades, um partido que está presente na governação do País; um partido que está presente na governação da região autónoma da Madeira;…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — … um partido que está presente na governação da região autónoma dos Açores;…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — … um partido que está presente na governação de 66 municípios do País. Grande parte destes projetos em parceria com o PSD, partido com quem partilhamos uma Aliança Democrática, que foi a força que mais câmaras conquistou em relação às eleições anteriores.

Temos muito orgulho no percurso percorrido pelos nossos candidatos e pelos nossos militantes. Muitos deles aguentaram, durante muitos anos, o enxovalho daqueles que lhes quiseram dizer que o seu partido de sempre não existia. Pois o seu partido de sempre existe! O CDS existe! Foi a votos. Eles levantaram a bandeira; candidataram-se; ganharam os mandatos por direito próprio.

É que se há muita gente na classe política que acha que o CDS não devia existir, quem disse que devia, e confirmou essa existência, foram os eleitores e o povo.

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, peço a palavra.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para que efeito, Sr. Deputado?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, é para uma interpelação à Mesa.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Tem a palavra, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, é apenas para repor a verdade sobre aquilo que disse o Sr. Deputado João Almeida, que afirmou que o CDS venceu mais assembleias municipais do que o Chega.

O CDS venceu seis assembleias municipais, o Chega venceu sete assembleias municipais.

Aplausos do CH.

Vozes do PSD: — Ih…!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O Sr. Deputado João Almeida tem dois pedidos de esclarecimento e indicou à Mesa que responderá em conjunto.

Vamos, então, ao primeiro pedido de esclarecimento, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista. Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Santos, que tem até 2 minutos.

O Sr. **Rui Santos** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, no dia 12 de outubro comemoramos a festa da democracia. Talvez a maior de todas as festas, porque é aquela que envolve mais concidadãos — nas assembleias de freguesia, nas câmaras municipais, nas assembleias municipais.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É verdade!

O Sr. **Rui Santos** (PS): — Esta festa existe desde 1976 — sublinho, desde 1976 —,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E as carrinhas da junta, para a malta ir votar!

O Sr. **Rui Santos** (PS): — … apesar de muitos irem por aí dizendo que antes de 1976 é que era bom.

Aplausos do PS.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Eu nunca ouvi ninguém dizer isso!

O Sr. **Rui Santos** (PS): — Esta festa existe com a participação de socialistas, sociais-democratas, dos democratas-cristãos,…

O Sr. **Filipe Melo** (CH): — Vais para a Festa do Avante!

O Sr. **Rui Santos** (PS): — … que mantiveram um regime a funcionar de forma saudável, equilibrada e com alternância até aos dias de hoje.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O regime são as carrinhas da junta! Isso é que é o regime!

O Sr. **Rui Santos** (PS): — O CDS manteve, é verdade, seis câmaras, ganhou uma outra — a Mêda —, perdeu três membros nos executivos municipais, perdeu 30 Deputados nas assembleias municipais. Olhamos para o copo e, muitas vezes, olhamos como copo cheio, outras vezes, como copo meio vazio.

Mas, mais importante do que os resultados, porque esses devem-se, sobretudo, aos 308 candidatos a cada um dos municípios de Portugal, o que é importante é que saibamos resolver as questões que se nos colocam no dia a dia e que são, obviamente, colocadas pelos nossos concidadãos.

O Estado assinou, com a Associação Nacional de Municípios Portugueses, em 2023, um acordo para o financiamento de mais 526 escolas, com um investimento de aproximadamente 1,730 milhões de euros. Aquilo que vemos é que este compromisso não está a ser respeitado, não está a ser cumprido; está muito, muito atrasado, e as últimas notícias são de que o Sr. Ministro Castro Almeida não o quer respeitar…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimento é do Grupo Parlamentar do PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado Ricardo Araújo, a quem aproveito para dar os parabéns pela sua vitória. Tem até 2 minutos, Sr. Deputado.

Aplausos do PSD e do CDS-PP, de pé.

O Sr. **Rui Araújo** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado João Almeida, quero aproveitar esta oportunidade para, naturalmente, cumprimentar e felicitar o CDS por ter sido parceiro em várias coligações, por este País fora.

Ouvi, neste Parlamento, muitas intervenções a tentarem reivindicar uma vitória, mas a verdade é que…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — A vitória é sua!

O Sr. **Rui Araújo** (PSD): — … quem teve o maior número de votos, o maior número de mandatos, o maior número de presidentes de junta eleitos, o maior número de presidentes de Câmara eleitos, foram, precisamente, os dois partidos, PSD e CDS, que suportam o Governo…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

… e é, por isso, também uma vitória do Dr. Luís Montenegro, para quem tenha dúvidas.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Oh, à babuja! Anda à babuja!

O Sr. **Rui Araújo** (PSD): — Ouvi o Chega e o seu líder, muitas vezes, a dizer que iam conquistar 30 câmaras, 10 câmaras, que queriam ficar à frente da CDU e do CDS, e pelos vistos não ficaram à frente sequer do CDS,…

Protestos dos Deputados do CH Pedro Pinto e Rita Matias.

… do partido CDS-PP — não tenha problemas.

Mas também ouvi da intervenção do Partido Socialista precisamente dizer que o poder não é eterno.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vai falar com o PAN!

O Sr. **Rui Araújo** (PSD): — E é bem verdade.

E deixe-me dizer, Sr. Deputado, o orgulho e a honra que tenho de comprovar que o poder não é eterno, precisamente na minha terra, em Guimarães, no berço da Nação, onde, ao fim de 36 anos de maiorias absolutas do Partido Socialista, o povo vimaranense deu um grande sinal de mudança e uma grande vitória à coligação Juntos por Guimarães, do PSD e do CDS.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Quero, por isso — e se me permitem —, Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, nesta que será, seguramente, a minha última intervenção neste Plenário, deixar também o testemunho do orgulho e da honra que tive em ser Deputado. Mas, muito em breve, vou exercer a maior honra da minha vida política: ser presidente de câmara.

Aplausos do PSD e do CDS-PP, de pé.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado João Almeida, que dispõe de até 3 minutos.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, respondendo aos Srs. Deputados Ricardo Araújo e Rui Santos, tem muito a ver com aquilo que, de facto, são as eleições autárquicas.

Estava aqui hesitante, porque esta emoção do Sr. Deputado Ricardo Araújo é uma emoção que também me contagia, porque se deu o caso feliz, no último dia de campanha, de ter estado em Guimarães a fazer campanha ao lado do Ricardo e de ter visto a essência de umas eleições autárquicas.

Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

O Sr. **Gonçalo Lage** (PSD): — Deixa ouvir!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vê na televisão!

O Sr. **Gonçalo Lage** (PSD): — Deixa ouvir! Está calado!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — A mim não me mandas calar!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — E de poder ver que quem decide em eleições autárquicas é mesmo o povo.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — E quando vemos a forma como o povo adere a uma liderança, a alguém que quer, de facto, eleger, que tem uma vontade imparável de alterar um ciclo que parecia interminável — como era o ciclo de liderança do Partido Socialista em Guimarães —, não era preciso ter esperado por domingo para perceber que o Ricardo Araújo ia ganhar as eleições, porque, efetivamente, era essa a vontade do povo e essa ninguém consegue controlar.

Vozes do PSD e do CDS-PP: — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — E o Partido Socialista continua a comportar-se, muitas vezes, como um partido que é dono do regime, não só a nível nacional, mas também ao nível das autarquias.

Por isso, Sr. Deputado Rui Santos, sobre escolas, também lhe dou um caso concreto: o caso concreto de São João da Madeira.

Andámos oito anos para resolver a questão das obras no ciclo, em São João da Madeira. Oito anos em que, durante grande parte deles, a Câmara de São João da Madeira era do Partido Socialista e o Governo era maioritário do Partido Socialista. Pois o povo resolveu: tirou o Partido Socialista do Governo e, no domingo, tirou o Partido Socialista da Câmara de São João da Madeira.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Portanto, pode ter a certeza de que com uma Câmara em São João da Madeira de coligação PSD/CDS, e com um Governo da República PSD/CDS, em São João da Madeira as obras vão existir no ciclo!

Mas não vai ser só em São João da Madeira, vai ser no País. E é por isso que os senhores agora perderam algumas câmaras, mas da próxima perderão ainda mais.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Vamos passar à declaração política do Grupo Parlamentar do PSD.

Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Alves, que tem até 6 minutos para o efeito.

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: Permitam-me começar com uma simples palavra, mas que é essencial — respeito. Respeito por todos os candidatos e candidatas que, de norte a sul, se apresentaram às eleições autárquicas. Respeito por todos os que, em cada freguesia e concelho, deram a cara, o tempo e o esforço à causa pública. Porque quem se candidata fá-lo por compromisso, e a democracia portuguesa vive desse compromisso.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Mas é importante também dizê-lo com clareza: o vencedor destas eleições é o Partido Social Democrata.

Aplausos do PSD.

O PSD venceu em mandatos, em câmaras municipais e freguesias. Foi uma vitória clara, uma recuperação notável que muitos julgavam impossível. Durante demasiado tempo, disseram que o PSD não tinha futuro. Chegaram a escrever o obituário do partido, mas esqueceram-se de combinar isso com os eleitores. Erraram, erraram redondamente.

Os resultados mostram um País diferente do que alguns quiseram pintar, um País que voltou a olhar para o PSD como uma força de confiança, capaz de governar, unir e resolver. O PSD cresceu nas cidades e vilas, no litoral e no interior, no Norte e no Sul, nas ilhas e no continente. Cresceu onde vivem as pessoas e onde se sentem os problemas reais. Cresceu porque apresentou soluções e não desculpas.

É isto, Sr. Presidente: os portugueses voltaram a confiar no PSD. E sabem porquê? Porque reconhecem trabalho, seriedade e resultados; porque sabem que o PSD fala menos e faz mais; porque está onde é preciso, junto das pessoas, nas escolas, nos centros de saúde, nas empresas e nas autarquias.

A verdade é esta: o PSD voltou a ser o partido do poder local, recuperou a sua força na Associação Nacional de Municípios Portugueses e na Associação Nacional de Freguesias e voltou a afirmar-se como o partido das soluções concretas.

Aplausos do PSD.

Mas esta vitória não é apenas números e mapas. É, antes de tudo, uma vitória da democracia local, porque é no poder local que a democracia se cumpre todos os dias. É nas autarquias que o Estado tem rosto, voz e nome. É nas câmaras e nas juntas que os cidadãos sentem o pulso da política na sua forma mais próxima e humana. O poder local é a base da confiança nas instituições e, quando é forte, o País é mais coeso, justo e desenvolvido.

Estas eleições mostraram que Portugal quer um poder local mais ativo, responsável e presente, reconhecendo no PSD essa capacidade de proximidade, competência e credibilidade.

Mas também há uma mensagem nacional destes resultados, uma mensagem que vai além do poder autárquico. Os portugueses reconhecem o trabalho que o Governo liderado pelo PSD e Luís Montenegro tem vindo a realizar: um trabalho de estabilidade, previsibilidade e confiança, um trabalho que enfrenta os problemas, não os varre para debaixo do tapete. Na educação, o Governo atacou o maior problema do sistema — os alunos sem aulas. Na saúde, reforçou a capacidade local e valorizou os profissionais. Na economia, criou um ambiente de confiança que estimula o investimento e o emprego. Nas políticas sociais, devolveu dignidade a quem mais precisava, com medidas concretas e não com *slogans*.

Há coerência entre o que se faz no Governo e nas autarquias do PSD — resolver, reformar, melhorar.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Então não há!…

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Mas atenção, não nos deixamos deslumbrar nem acomodar com estes resultados. Sabemos que a confiança é frágil, conquista-se todos os dias. Estes sinais não nos tornam autossuficientes, tornam-nos responsáveis, porque quem vence tem de servir, quem recebe confiança tem de corresponder. É com humildade e com sentido de missão e espírito de serviço que o PSD assume este resultado. Não como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida. Um ponto de partida para fazer mais, para fazer melhor e provar que a política pode voltar a ser sinónimo de esperança.

Queremos esta confiança para transformar a vida das pessoas, dar resposta ao País real e mostrar que é possível governar com seriedade, proximidade e visão.

Deixem-me dizer duas coisas com clareza. Primeiro: ganhar só vale a pena se for para melhorar a vida das pessoas.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Ganhar por si só não muda nada. Só tem sentido se for para resolver, reformar e deixar uma marca positiva.

Segundo: o PSD não quer apenas governar, quer liderar um novo ciclo de confiança para Portugal, um ciclo de reconciliação entre os cidadãos e a política, em que as pessoas voltam a acreditar que o Estado pode funcionar, que o mérito conta e que o futuro pode ser melhor.

Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, estas eleições mostraram um País que voltou a acreditar, um País que olha para o futuro com esperança e com vontade de mudança. E quando o País acredita, o PSD responde com trabalho, com seriedade e com resultados, porque o nosso compromisso é simples, mas profundo — servir Portugal, servir as pessoas e não desperdiçar a confiança que o País nos deu.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O Sr. Deputado tem cinco pedidos de esclarecimento e vai responder, segundo me informa, a um grupo de três e depois a um grupo de dois.

Vamos, então, fazer uma primeira ronda com três pedidos de esclarecimento. O primeiro será da Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real, que tem a palavra, dispondo de até 1 minuto.

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Pedro Alves, permita-me, antes de mais, referir que, para o PAN, a democracia não acaba no voto, mas começa nele. Por isso, é com muito orgulho que nos vimos, em diferentes geografias, a ganhar câmaras municipais, como foi o caso da nossa coligação em Sintra.

Risos de Deputados do CH.

Vimos também isso no caso de Lisboa e de Coimbra, e até mesmo em Faro.

Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Há pouco, o Sr. Deputado Pedro Pinto estava muito incomodado por aquilo que é um gesto profundamente democrático, mas permita-me que lhe diga o seguinte: mais do que ganhar ou perder, é preciso saber perder. E é com muito orgulho que abraço o Sr. Deputado Cristóvão Norte, um excelente Deputado entre nós,…

Aplausos do Deputado do PSD Almiro Moreira.

… da mesma maneira que abraço — ainda não tive a oportunidade de o fazer pessoalmente —, por exemplo, a Sr.ª Deputada Alexandra Leitão, juntamente com quem nos batemos para ganhar câmaras municipais.

Protestos do CH.

Mas há ainda um caminho a fazer, Sr. Deputado. Se é certo que nos orgulham as conquistas, ou que devemos fazer uma reflexão a respeito dos municípios onde não atingimos os objetivos, há questões processuais que têm de ser referidas: tivemos 40 % de abstenção e podíamos ter antecipado, nomeadamente, a desburocratização do voto antecipado, mas isso não foi feito; também tivemos reclamações sobre o voto em braille, que, não sendo obrigatório em todos os atos eleitorais, não foi posto em prática no caso das eleições autárquicas.

Para o PAN, é fundamental alterarmos estas dimensões do voto, para garantir, nomeadamente, a inclusão de todas as pessoas. Nesse sentido, pergunto se estão disponíveis para o efeito…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone da oradora foi automaticamente desligado.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimento é do Grupo Parlamentar do Chega. Tem a palavra a Sr.ª Deputada Patrícia Carvalho, que dispõe de até 2 minutos.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Sr. Presidente, eu queria começar, antes de me referir à intervenção do Sr. Deputado, por recordar que, há oito anos, tiveram lugar os grandes incêndios de outubro e morreram 50 pessoas no centro do País, que é um facto que não podemos esquecer e que devemos aqui recordar, homenageando as vítimas.

Aplausos do CH.

Ouvi o Sr. Deputado Pedro Alves dizer que o PSD venceu e que foi uma vitória clara. O que não ouvi o Sr. Deputado dizer — nem o Sr. Deputado nem mais nenhum elemento da bancada parlamentar do PSD — tem a ver com a análise do número de votos por partido, excluindo coligações, porque o Chega foi o único partido que concorreu sozinho a 308 municípios!

Aplausos do CH.

Basta olharmos para os números. E não sou eu que o estou a dizer! São os números que estão num *site* que, curiosamente, é um *site* do Governo: *www.autarquicas2025.mai.gov.pt*.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Nesse mesmo *site*, ficamos a saber que, em segundo lugar, em número de votos nas câmaras, está a coligação PSD/CDS e que, em terceiro lugar, está o Chega, com 706 000 votos. Mas, curioso, em quarto lugar aparece o PSD a concorrer sozinho, que não vai além dos 550 000 votos.

Risos do PSD.

Portanto, esta vitória se calhar não é assim tão clara, quando comparamos com o PSD a concorrer sozinho às eleições.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Também é importante dizer que, no que diz respeito a coligações, o PSD optou por ir coligado com o PAN — entre vários outros partidos, uma mixórdia de partidos! —, um partido que, na sua génese, ataca o mundo rural. Mas o PSD, ainda assim, concorre coligado com o PAN.

Portanto, a pergunta que tenho para lhe fazer, Sr. Deputado Paulo Alves, é a seguinte: em câmaras importantes, onde não têm maioria e precisam dos eleitos do Chega para conseguir governar, o que é que vão fazer?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem!

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Vão manter as «linhas vermelhas»? Vão contar com os eleitores do Chega, com os votos do Chega? Ou, por outro lado, não vão resistir àquela velha tentação de dar a mão ao PS,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

Risos do Deputado do PS Jorge Botelho.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — … traindo, assim, a confiança dos eleitores na direita?

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Já é a segunda vez neste Plenário que há Pedros trocados por Paulos, mas, desta vez, vamos mesmo ter um Paulo.

Para um pedido de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Núncio, dispondo de até 2 minutos.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, começava a minha intervenção saudando o PSD por ter sido o partido que ganhou mais presidentes de câmara, por ter ganho a presidência da Associação Nacional de Municípios e por ter ganho a ANAFRE.

Esta grande vitória, que é uma vitória do PSD, resulta de vitórias em listas próprias e resulta de 54 vitórias em coligação com o CDS. E há exemplos concretos: Lisboa, Porto, Braga, Guimarães…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Viseu?

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … e mais 50 concelhos espalhados pelo País que refletem vitórias de coligação do PSD com o CDS.

Iremos governar estas coligações, iremos governar estas autarquias, como governamos o Governo Regional da Madeira, como governamos o Governo Regional dos Açores e como governamos o Governo da República — com competência, com preocupações sociais, com uma forte aposta no aumento da riqueza do nosso País e sempre focados em melhorar a vida às novas gerações.

Estas eleições demonstram também aquilo que já se sabia das eleições legislativas: a AD é uma marca vencedora. Mostrámos isso nas eleições legislativas, nas eleições regionais e, uma vez mais, ganhámos as eleições locais.

Iremos continuar a governar estas autarquias, iremos continuar a governar as regiões, iremos continuar a governar o País nesta coligação que tem muito a dar aos portugueses e que é cada vez mais prova de confiança dos eleitores.

Parabéns, PSD, e parabéns, AD!

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder aos pedidos de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Alves, que dispõe de até 3 minutos.

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Sr. Presidente, quero, antes de mais, agradecer as perguntas das Sr.as Deputadas e do Sr. Deputado.

Relativamente à questão levantada pela Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real — agradecendo-lhe, também, o facto de ter participado em coligações e em sucessos eleitorais do PSD, que é sinal de que a democracia, no poder local, funciona de outra forma e há sempre pontos de encontro entre nós — e à proposta que aqui apresenta, queria dizer-lhe, quanto a algumas questões de natureza formal e eleitoral, que o PSD é um partido reformista e está sempre aberto a que as reformas aconteçam e que sejam a favor da melhoria dos processos.

Protestos do Deputado do CH Filipe Melo.

Sabemos que hoje está estabilizado todo o quadro político parlamentar e todo o quadro político autárquico. Talvez agora, com uma nova Associação Nacional de Municípios, com uma nova ANAFRE e também com este Parlamento, consigamos construir uma solução que seja mais de acordo com as necessidades do nosso País. Por isso, estamos abertos, apresentem-se as soluções e vamos discutir aquelas que melhor façam o seu trabalho.

Quanto à Deputada Patrícia Carvalho, do Chega: ó Sr.ª Deputada, a Sr.ª Deputada deve estar com uma grande confusão na sua cabeça — só pode! — relativamente ao resultado eleitoral.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Não, não! Vá lá ao *site*!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Tem de começar a dizer as coisas de forma séria e transparente: de facto, não se candidataram a 308 municípios. Não é verdade! Essas questões que muitas vezes aqui…

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — É verdade!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Não é verdade! Até porque, por essa ordem de ideias e de razão, os senhores terão candidatado o André Ventura aos 308 municípios, sendo que então, na verdade, ele perdeu em 305. Foi isso que aconteceu, não é? O grande derrotado da noite é André Ventura, que estava ao lado de cada um dos candidatos, em todos os cartazes. Essa condição, os senhores não assumem.

Aplausos do PSD.

Protestos do CH.

Relativamente à governação local, do mesmo modo que construímos soluções autónomas, em que o PSD foi sozinho a eleições, ou soluções com coligações de diferentes formas e feitios, também para a governação, a autonomia dos nossos autarcas existe, e eles têm, sobretudo, de defender os interesses de cada comunidade. Dizemos aos nossos autarcas, quando tiverem de escolher entre o partido e as comunidades, para escolherem as comunidades.

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Isso é o mais importante para qualquer interesse partidário.

Por isso, da nossa parte, confiamos nos autarcas que escolhemos: eles farão a gestão com o sentido de responsabilidade que lhes interessa.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Quanto ao companheiro Paulo Núncio, companheiro de coligação, gostaria de agradecer, também, o facto de o CDS ter feito connosco caminhos importantes para robustecer o poder local. Se há muitas coligações, isso também se deve ao empenho e à qualidade que os autarcas do CDS nos emprestaram.

Por isso, sei que este caminho que está hoje a ser trilhado, seja a nível local, seja a nível nacional, vai trazer sucesso e melhorar a qualidade de vida dos portugueses.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para iniciar a segunda ronda de pedidos de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Botelho, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, dispondo de até 2 minutos.

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado Paulo Alves…

Vozes do PSD: — Pedro!

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — Pedro Alves! Fui confundido pela Mesa, com os Paulos e com os Pedros.

Sr. Deputado Pedro Alves, os resultados já aconteceram e nós, agora, de alguma forma, fazemos a avaliação dos resultados. O PSD ganhou 136 câmaras, 78 sozinho, e o PS ganhou 128 câmaras.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sozinho?!

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — Disse aqui o Sr. Primeiro-Ministro…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sozinho?!

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — Foram 128 câmaras, 126 sozinho.

Disse aqui o Sr. Primeiro-Ministro, num debate que tivemos, que o PS caminhava para a irrelevância. Não é verdade, não aconteceu, porque os portugueses não quiseram, e os senhores deviam pedir desculpa ao Partido Socialista.

Vozes do PS: — Muito bem!

Vozes do PSD: — Oh!…

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — O Partido Socialista teve um resultado como já teve muitas vezes. Teve menos votos, ficou com menos câmaras, ficou em segundo lugar. Não irá liderar a ANMP (Associação Nacional de Municípios Portugueses), não irá liderar a ANAFRE, mas nós, democratas, estamos cá para encontrar soluções dentro deste quadro autárquico. E o resultado destas eleições, Sr. Deputado, é o resultado de um trabalho conjunto para os próximos quatro anos.

Não pense o PSD, por ter neste momento o Governo, as regiões, todas as áreas e as CCDR (comissões de coordenação e desenvolvimento regional) — algumas não vai ter! —, que o Governo vai, de alguma forma, prejudicar as câmaras que são da área do Partido Socialista.

O Sr. **Fernando Queiroga** (PSD): — Não somos do PS!

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — Neste processo, vamos trabalhar para os quatro anos, para todos. Já ganhámos e agora ficámos em segundo lugar.

Vimos, nesta campanha, de tudo um pouco: membros do Governo e Primeiro-Ministro ao lado dos candidatos, a dizer «votem em nós, porque em nós é que é bom, porque estamos cá, com o Governo, para ajudar».

Protestos do PSD.

Disse, disse!

Esperamos que ajudem todos de uma forma igualitária, porque todos foram eleitos. Nós não desaparecemos e não desiludimos.

Por isso, a pergunta que queria fazer, Sr. Deputado, é a de saber se não consideram que também não tiveram o resultado que esperavam, com tanto apoio que tiveram, porque, afinal, com tanta gente a fazer campanha por vocês…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Vamos para o último pedido de esclarecimento, tendo a palavra, em nome do Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, a Sr.ª Deputada Paula Santos, dispondo de até 2 minutos.

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, cumprimento o Sr. Deputado Pedro Alves pelo tema que trouxe a debate, as eleições autárquicas.

Se me permite, gostaria só de fazer uma referência breve, até para ficar bem claro, aqui, na Assembleia da República: o adversário do PCP é a política de direita. Quem tem sempre viabilizado essa mesma política, dando a mão ao PSD e ao CDS, é o Partido Socialista. É o que se prepara para fazer agora, com o Orçamento do Estado para 2026, permitindo essa opção desastrosa para o País, para o povo, e foi aquilo que fez na Câmara

Municipal de Lisboa, quando viabilizou as opções de Carlos Moedas, do PSD e do CDS. Creio que ficamos conversados relativamente a esta matéria.

Quanto aos resultados e às eleições autárquicas, gostaria de colocar aqui duas questões, até tendo em conta a importância que o PCP sempre atribuiu ao poder local democrático — uma conquista da Revolução de Abril que ficou consagrada na Constituição da República Portuguesa, que em muito contribuiu para o desenvolvimento do nosso País, para a melhoria das condições de vida da população. O projeto que a CDU incorpora é um projeto de proximidade, de participação, em que estes valores têm estado sempre presentes.

As questões que gostaria de colocar prendem-se com a lei eleitoral e o sistema eleitoral.

Primeira questão: está o PSD com intenções de fazer alterações no sentido de se perder a pluralidade e a colegialidade dos órgãos do poder local democrático, com o objetivo de conseguir — vou utilizar uma expressão mais ligeira — os tais «executivos monocolores», perdendo a essência da participação, do envolvimento e da representatividade das populações?

A segunda questão prende-se com o seguinte: vimos, ao longo destes últimos anos, o que significou a transferência de competências para as autarquias, que de descentralização nada teve e que constituiu, de facto, até uma afronta à própria autonomia do poder local democrático, sem meios, sem condições.

Este Governo tem o objetivo de ir ainda mais longe, com tudo o que isso significa de ataque a direitos que são, de facto, fundamentais e que estão consagrados na nossa Constituição, como a educação, a saúde ou a ação social. Portanto, também gostaria de perceber quais é que são as suas perspetivas relativamente a esta matéria.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder, dispondo de até 3 minutos, tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Alves.

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Sr. Presidente, agradeço as questões da Sr.ª Deputada e do Sr. Deputado.

Sr. Deputado Jorge Botelho, os números não enganam e o mapa é este que temos. Pode andar aí a tentar fazer uma interpretação criativa do resultado, mas a verdade é esta. Não diga que os presidentes não são do PSD, se são em coligação ou não são em coligação. Até lhe acrescentava aqui mais 5 que não estão nos 136, porque nós também apoiámos candidaturas independentes, que foram eleitas com o nosso apoio — eleitos independentes!

Protestos do PS, do CH e do PCP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Oh! São independentes ou não?!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Se quiser fazer isso…

Continuação de protestos do PS, do CH e do PCP.

Porque os senhores não sabem o trabalho que foi feito por parte do PSD, a estratégia que foi aprovada e o resultado.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Não sabemos, não!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Nós sabemos bem como é que alcançámos este resultado. Talvez os senhores ainda não saibam como é que ganharam algumas câmaras. Isso também é natural, porque não fizeram qualquer trabalho para isso. Às vezes as coisas acontecem, tropeçamos na sorte.

Relativamente a «fazer um trabalho conjunto», naturalmente, estamos disponíveis. Se tivesse ouvido a minha intervenção, perceberia que sabemos respeitar os resultados e que estes não nos envaidecem, nem nos põem com alguma sobranceria perante a confiança que nos foi dada.

O Sr. **Fernando Queiroga** (PSD): — Exatamente!

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Sabemos que a confiança que nos foi dada, temos de conquistá-la todos os dias, e temos de corresponder aos objetivos que traçámos, em função dos votos que obtivemos. Por isso, vamos conseguir estar à altura daquilo que os portugueses nos confiaram.

Sr.ª Deputada Paula Santos, quanto à lei eleitoral, já aqui o disse: há condições para sobre ela refletir. Não é a primeira vez que temos de falar das coisas sem qualquer assombro. Se tivermos de evoluir para um modelo diferente daquele que hoje existe, se for aquele que nós entendamos, neste Parlamento, que é o que melhor serve, então, estaremos aqui para o discutir. Mas vamos fazê-lo de uma forma aberta e contar com todos, ouvindo os municípios de modo a podermos todos contribuir para uma solução que melhor se ajuste às novas realidades. O País e o mundo não pararam, por isso mesmo, temos de acompanhar também a evolução e as necessidades da gestão.

Quanto à descentralização, também lhe posso dizer que uma coisa é certa: não iremos fazer uma descentralização como fez o Partido Socialista, que transferiu tarefas e competências e nunca deu aos municípios a devida comparticipação financeira para as executar.

Aplausos do PSD.

Sabemos bem quais são as dificuldades dos municípios e estaremos, por essa mesma razão, a ajudar os municípios,…

Protestos da Deputada do PCP Paula Santos.

… agora, se calhar, até com mais conforto, porque temos municípios nossos que querem fazer mais e melhor pelos nossos concidadãos. Nesse sentido, terão de ter essas competências reforçadas com um melhor financiamento.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Vamos passar à declaração política do Grupo Parlamentar do Chega, que dispõe de até 6 minutos. Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Cristina, que também aproveito para felicitar pela vitória que alcançou.

Aplausos do CH, de pé.

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, hoje, falo-vos de forma diferente: não como político, mas como cidadão, como pessoa de Albufeira, que sente o calor das ruas de Albufeira, o cheiro, a brisa do mar na Praia dos Pescadores, o esforço dos comerciantes, no verão, e a luta diária das famílias com menos rendimentos para conseguir chegar ao fim do mês.

Falo porque conheço o concelho, porque andei pelas ruas, pelas feiras, pelos mercados, nas escolas, nas empresas, nas associações desportivas e nas instituições. Ouvi as queixas, ouvi os desabafos de um povo cansado e esquecido, mas com esperança, porque se recusou a desistir de si mesmo e do futuro desta grande cidade.

Aplausos do CH.

Falo porque sei o que é preciso para transformar a vida das pessoas e preparar o futuro das novas gerações. E é precisamente por essas pessoas que estou hoje aqui. Esta é a minha última intervenção nesta Casa. O meu último dia não é um adeus, é uma passagem de testemunho, porque, a partir de agora, a luta muda de casa, muda de morada, mas os valores e os princípios mantêm-se inalterados e continuam presentes na minha pessoa.

Aplausos do CH.

A minha missão continuará em Albufeira, onde fui eleito, e é lá que, com a mesma coragem, determinação e compromisso, vou continuar a servir o bom povo português. O Chega nasceu para isso mesmo. Não nasceu para discursos bonitos, nem para promessas vazias; nasceu para estar com as pessoas, para arregaçar as mangas, correr riscos, e para dizer o que os outros calam e fazer o que os outros evitam.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Foi por isso que esta bancada parlamentar sempre se pautou, quando abdicámos dos nossos aumentos salariais para reforçar o apoio a instituições, associações e famílias carenciadas, quando estivemos presentes nas maiores tragédias do País, nos distritos e nos concelhos que passaram dificuldades nos incêndios.

Vozes do CH: — Muito bem!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Nunca o fizemos por vaidade. Fizemo-lo, sim, porque acreditamos que a política é um serviço, não é carreira. É por Portugal, é pelos portugueses, e o povo reconheceu isso.

Aplausos do CH.

Triplicámos o nosso resultado a nível nacional. Mas o mais importante não são os números, meus caros companheiros: são as pessoas. Cada voto é uma história. É o comerciante que viu alguém lutar por ele. É a mãe que sentiu a nossa presença. É o jovem que se preocupa com o seu futuro. É o trabalhador que percebeu que ainda há quem defenda quem se levanta, todos os dias, para trabalhar. É o idoso que recebe uma miséria de pensão e que todos os dias vive sem dignidade.

Há algo ainda mais importante sobre o Chega nas autarquias, porque, mesmo nos concelhos onde elegemos apenas um vereador, somos a balança que decide a maioria.

Aplausos do CH.

É essa presença que faz a diferença, que obriga os partidos do sistema a perceber que não nos compram e que não cedemos a interesses de poder.

Protestos do Deputado do PSD Gonçalo Lage.

Ao contrário de outros, estamos aqui para servir o povo e para defendê-lo, e é isso que nos distingue. Não fugimos à luta, não viramos as costas a este País, quando ele precisa. Enquanto alguns partidos preferem andar pelo mundo fora, a brincar ao ativismo, ao invés de enfrentar os problemas reais do País, de lutar pelos portugueses, nós ficamos cá, a lutar pelos portugueses. Enquanto uns fazem turismo político, nós fazemos política de verdade. É por isso que, a nível nacional, o povo nos ouviu e fez do Chega a voz de milhões de portugueses cansados de serem ignorados.

Enquanto isso, os partidos do sistema acumulam casos de suspeitas, de negócios obscuros e maus exemplos. O Chega faz diferente, faz política de cara lavada!

Aplausos do CH.

Nós não estamos na política para nos servirmos e é por isso que o povo confia em nós, porque nós estamos ao seu lado e fora do velho jogo.

Sr.as e Srs. Deputados, poderia usar este momento para atacar os adversários, como tantos outros o fazem, contra o Chega,…

Risos de Deputados do PS.

… à primeira oportunidade. Mas não o farei. Não precisamos disso. O nosso trabalho fala por nós. O excelente resultado,…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Oh!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … que tivemos a nível nacional, é mais do que uma votação. É uma mutação, é uma mudança de paradigma, é o despertar de um País que quer resultados, que quer justiça, que quer verdade, e nós estamos preparados para corresponder a esse mandato. Por isso, em Albufeira, a minha missão será essa: transformar compromissos em soluções, palavras em obras, discursos em resultados. Um conselho que precisa de uma Câmara que funcione e de um turismo que respeite quem cá vive o ano todo, uma habitação acessível, segurança de ensino e de limpeza.

Sr. Presidente, não há missão mais nobre do que servir a população. Não há vitória maior do que olhar para trás e saber que estive do lado certo. Estive do lado do Chega e das pessoas, do povo português!

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

Risos do PS.

Aplausos do CH, de pé.

Aplausos de um elemento presente nas galerias.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Só para dar nota de que as galerias não podem manifestar qualquer reação às intervenções que decorrem no Plenário, seja ela positiva ou negativa.

O Sr. Deputado tem dois pedidos de esclarecimento, suponho que responda em conjunto.

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Sim, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Então, o primeiro pedido de esclarecimento é do Grupo Parlamentar do Partido Socialista. Tem a palavra o Sr. Deputado André Rijo, com 2 minutos para o efeito.

A Sr. **Rita Matias** (CH): — Mais vale não perguntar!

O Sr. **André Rijo** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Rui Cristina, quero, em primeiro lugar, enquanto ex-Presidente de Câmara, aproveitar a oportunidade para desejar felicidades naquilo que é a prossecução do interesse público em Albufeira. Faço votos para que o seu mandato corra bem, isso é bom para o território e para as pessoas.

Compreendo, também, que o Sr. Deputado venha aqui falar apenas do seu resultado eleitoral,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Do PS!

O Sr. **André Rijo** (PS): — … e negligencie uma análise mais aprofundada sobre aquilo que foi o resultado do Chega a nível nacional.

O que venho trazer, hoje, é um debate entre a expectativa *versus* realidade. Então, a expectativa no dia 8 do 10, o Sr. Deputado André Ventura, enquanto líder do Chega, dizia: «é impensável, o Chega ganhar menos câmaras que a CDU ou o CDS».

O orador exibiu a notícia que mencionou.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É que nós temos líder!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Vão mendigar muito!

O Sr. **André Rijo** (PS): — No dia 5 de outubro, o mesmo líder do Chega, André Ventura,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É que nós temos líder! Quem é o líder do PS?

O Sr. **André Rijo** (PS): — … define uma meta para os resultados das autárquicas, quer colocar a fasquia de aproximar o número de votos ao das legislativas. Pois bem, ficou a menos de metade desse objetivo fixado. Expectativa *versus* realidade, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E a vossa realidade?

O Sr. **André Rijo** (PS): — Finalmente, queria trazer-lhe uma citação do Sr. Deputado André Ventura, quando chegou à Feira de São Mateus em Viseu — já agora, uma escolha acertada, tendo em conta que ganhámos a Câmara de Viseu, ao fim de tantos anos —:…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — É verdade!

Aplausos do PS.

O Sr. **André Rijo** (PS): — … «o Chega, portanto, deu sorte, deu sorte,…

Protestos do CH.

… o Chega vem hoje a Viseu e a todo o distrito de Viseu, para se conseguir transformar num dos maiores partidos autárquicos. O Chega é já um grande partido autárquico, mas depois dos resultados legislativos quer tornar-se um partido com maior dimensão autárquica» — aqui é que está o problema, Sr. Deputado. É que, quando o Sr. Deputado André Ventura quer falar em dimensão,…

A Sr.ª **Madalena Cordeiro** (CH): — Cambada de hipócritas!

O Sr. **André Rijo** (PS): — … não consegue nem acertar na dimensão da sua própria casa, quanto mais na dimensão do partido em termos autárquicos.

Foi por isso que falhou a previsão, Sr. Deputado.

Aplausos do PS.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Vão levar com o nosso vereador!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Batam palmas! Batam palmas!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Vocês sem o Chega não têm relevância política!

Protestos do PS.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimento, quando houver condições,…

Protestos do CH e contraprotestos do PS.

Srs. Deputados, a Câmara precisa de condições para que o Grupo Parlamentar do Chega seja questionado no âmbito de correr os nossos trabalhos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E os que estão sentados lá atrás?!

O orador apontou para a bancada do PS.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O Sr. Deputado Rui Cristina tem de conseguir ouvir os pedidos de esclarecimento que lhe são feitos. Peço condições para o efeito.

O próximo pedido de esclarecimento será feito pelo Grupo Parlamentar do PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado Gonçalo Capitão, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Rui Cristina, em primeiro lugar, quero dirigir-lhe a palavra de felicitação pela sua vitória. Em segundo lugar, constatar que, a si e ao Sr. Deputado André Ventura, já só vos falta cantar o fado depois desta intervenção,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Ainda vão comer na nossa mãozinha!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — … embora eu confesse que, por fetiche musical, preferia ouvir-vos trautear qualquer coisinha dos Gipsy Kings.

Risos do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Estão a rir?! Perderam Albufeira!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — André Ventura falou em 30 Câmaras, depois ganha 3. Foi só tirar um zero, mas depois multiplicou por 3. Multiplicar zero por 3 deve ser a matemática da festa de hambúrgueres.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Hambúrgueres, outra vez?! Vão levar com o nosso vereador!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vocês sabem muito, mas não é de matemática!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Os senhores passaram de miseráveis a pobres, e estão todos contentes. Se tivessem ganho quatro ou cinco câmaras,…

Sorriso do Deputado do CH André Ventura.

… ainda o foguetório não tinha acabado. Mas, depois, também estão muito contentes, porque agora há ali câmaras onde vão ser o equilíbrio. Não é pouco para o líder da oposição poder bloquear maiorias…

Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Ó Sr. Deputado, esteja à vontade, adoro barulhos disruptivos, também já fui membro de uma claque organizada.

Risos e aplausos do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vergonha!!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Há uma coisa em que os senhores falaram verdade. Foi quando disseram que vieram para pôr o sistema a nu, e, por isso, elegeram candidatos do *OnlyFans* e candidatos que fizeram ensaios em revistas,…

Risos gerais.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — E os corruptos?!…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E a Spinumviva? Vocês têm lá poucos, também!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Não estava a falar de ti!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Hugo, é melhor estares calado!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Agora, a Spinumviva! Digam lá!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — … vamos tentar manter alguma urbanidade nos pedidos de esclarecimento.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — *OnlyFans*! Foi no *OnlyFans*! Têm lá subscrição!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Spinumviva! Não falas disso?! Tens medo?!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Srs. Deputados, o tempo está parado,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vocês estão lá todos, também!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — E o *OnlyFans*? E a subscrição?!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Hugo, já te disse que é melhor estares calado!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Srs. Deputados, Sr. Deputado Pedro Pinto,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Eu? Olhe para o PSD!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — … em nome do Sr. Deputado Rui Cristina, ele precisa ter condições para ouvir as perguntas.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É só para mim?

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Peço esse favor a todos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ah!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O tempo está parado, o Sr. Deputado não perdeu tempo para o seu pedido de esclarecimento.

Protestos.

Vamos, então, terminar e continuar os trabalhos com toda a urbanidade que a Assembleia da República merece.

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Isto para mim é uma graduação, Sr. Presidente.

Vozes do CH: — Oh!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Há coisas em que realmente os senhores surpreenderam. Iam ser os líderes da direita, levaram uma banhada do CDS.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ui!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Iam acabar com a esquerda, perderam para a CDU. Os senhores são o PCP da direita. Mesmo quando perdem, ganham sempre, a verdade é essa.

Risos e aplausos do PSD e do CDS-PP.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Vocês são iguais ao PS!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — O Sr. Deputado Pedro Pinto falava de Faro, e o PSD perdeu Faro. Se Cristóvão perdeu o Norte, Pinto foi depenado.

Risos e aplausos do PSD e CDS-PP.

Mas, olha, eu acho piada, às vezes,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Achas piada?…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não tem piada nenhuma, pensa que é engraçado!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O tempo está parado.

Burburinho na Sala.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — A Assembleia é uma coisa séria! Isto é o circo!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Vê-se quem o faz!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Srs. Deputados,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Isto não é um pedido de esclarecimento! Depois ainda dizem que ele é engraçado! Vocês perderam o nível!

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Srs. Deputados, a Mesa já fez uma intervenção, interrompendo o orador que está a fazer o pedido de esclarecimento, quando achou que a urbanidade estava em causa. Não queiram que seja, por exemplo, eu a colocar em causa a liberdade de expressão.

Peço só que reponham 2 segundos, que é mais justo para quando o tempo parou.

Vamos terminar o pedido de esclarecimento, porque, depois, ainda temos de ouvir a resposta, e ainda temos mais uma declaração política.

Portanto, são mais 2 segundos quando o tempo estiver reposto, que é para conseguir terminar o seu pedido de esclarecimento, Sr. Deputado.

Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Está sem penas, mas não está sem pio! Ó Gonçalo, tirou-lhe as penas mas não o pio!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Mas posso continuar com a carga ou não?…

Risos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado, vou pedir a sua colaboração para conseguirmos tecnicamente acompanhar aquilo que é o ajuste do tempo. Pode começar a sua intervenção, que os 2 segundos não os vai perder.

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Isto é a política do pudim molotov, é muito volume e pouco conteúdo. Bastou uma colherada e aquilo abateu.

Risos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Tenham vergonha, pá!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — No fundo, o Chega é claramente uma sociedade unipessoal. Quando há Ventura, falam como Godzilla, quando não há Ventura, saem como Calimero.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Respeito!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — As câmaras não vão pedir ajuda?!

O Sr. **Gonçalo Dinis Capitão** (PSD): — Já que não tiveram vergonha, tenham juízo.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não diga asneiras!

Aplausos do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Peço a palavra, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Antes de dar a palavra ao Sr. Deputado Rui Cristina para responder, que terá 3 minutos para o efeito, pergunto ao Sr. Deputado Pedro Pinto se é para uma interpelação à Mesa.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente,…

Burburinho na Sala.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Deixe só voltar o silêncio.
Faça favor.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, gostaria de alertar este senhor do PSD — de que não sei o nome, confesso —, apenas para dizer que isto é a Assembleia da República. Isto não é o circo,…

Aplausos do CH.

Risos gerais.

… não é para fazer piadas, fazer piadas é do outro lado. Isto não é para fazer piadas, é do outro lado. Isto é a Assembleia da República. E ele está aqui pago, pago pelos portugueses, pago pelos portugueses! Não é para gozar com o dinheiro dos portugueses. Isto é o circo. Olha, é o circo do PSD.

Aplausos do CH.

Protestos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Já percebi o ponto, acho que é uma verdade de La Palice: todos os portugueses sabem que os 230 Deputados são pagos pelo dinheiro dos contribuintes.

É também para uma interpelação à mesa, Sr. Deputado Hugo Soares?

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Não, Sr. Presidente, é um pedido de palavra para defesa da honra da bancada.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Então, o Sr. Deputado Rui Cristina terá de esperar para responder. Não se esqueça das coisas que tem para dizer.

Portanto, o Grupo Parlamentar do PSD tem 2 minutos para a defesa de honra.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, parece-me evidente que quando o Sr. Deputado Pedro Pinto apela ao Sr. Presidente para lembrar ao Sr. Deputado, de quem não sabe o nome, registo para memória futura: chama-se Gonçalo Capitão e tem mais anos nesta Casa do que o Sr. Deputado Pedro Pinto,…

O Sr. **Gonçalo Lage** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E então? Até pode ter 500 anos!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Ninguém notou!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … que foi manifestamente deselegante, mas essa deselegância não afeta a honra desta bancada. O que afeta a honra desta bancada é quando alude ao apelo para que V. Ex.ª diga ao Grupo Parlamentar do PSD, e ao Sr. Deputado em causa, que isto não é um circo. Evidentemente que lhe está a querer chamar de palhaço,…

O Sr. **Ricardo Dias Pinto** (CH): — Não, é trapezista!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … e eu quero-lhe dizer, Sr. Presidente, que, em primeiro lugar, nós temos,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Fazem de tudo para subir!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … nós temos muito respeito por todas as artes e até pelas artes circenses, e é por isso que nós assistimos muitas vezes a grandes artes circenses da parte da bancada do Chega e nunca os acusamos de circo.

Agora, aquilo a que aqui assistimos,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O vosso circo!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … aquilo a que aqui assistimos,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — A Spinumviva!…

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … aquilo a que aqui assistimos — e eu queria reiterar —, foi a uma sublime peça de retórica política.

Aplausos do PSD.

Protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Pergunto ao Sr. Deputado Pedro Pinto se quer utilizar os 2 minutos para dar explicações.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, não tenho muito para dizer, nem para responder ao Sr. Deputado Hugo Soares. Aliás, ele já nos habituou, na bancada parlamentar do PSD, já nos habituou, até, às ameaças a outros Deputados de outras bancadas, como tem feito. Depois diz que não, diz que foram outras coisas que disse, mas o que disse ficou filmado e ficou registado.

Quando há uma declaração de um Deputado que fala em Calimero, em Ventura, em que ofende os Deputados de outra bancada, até em pintos depenados, se há uma coisa que eu não sou, é um pinto depenado,…

Risos do PSD, do PS, da IL, do L e do CDS-PP.

… não sou —, eu sou Deputado. Se há uma coisa que eu não sou, é um pinto depenado. Mas, depois, vêm dizer assim: «tem mais anos do que o Sr. Deputado». Ó Sr. Deputado Hugo Soares, não me leve mal, mas nos mais anos que têm, e nos poucos anos que nós temos aqui, temos feito mais trabalho do que os senhores em 50 anos —…

Aplausos do CH.

… do que os senhores em 50 anos!

Também tenho de lhe dizer que o Sr. Deputado não tem ido muito ao circo. É que no circo não existem só os palhaços, também existem os trapezistas, também existem os contorcionistas,…

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Como vocês!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — … que é aquilo que os senhores têm de fazer. É aquilo que os senhores vão ter de fazer em várias câmaras do País, para terem ao lado o Chega. É o contorcionismo que os senhores vão ter de fazer,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Essa é que é essa!

Risos do Deputado do PSD Hugo Soares.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — … ou seja, existe muita coisa nos circos. O Sr. Deputado está mal-habituado. Estava habituado a não ter resposta. Estava habituado a fazer aqueles números de teatro como fizeram agora, como o Sr. Deputado Gonçalo Capitão — agora já sei o seu nome — não me leve a mal, é que fala poucas vezes e, como fala poucas vezes, eu não sabia o seu nome.

Aplausos do CH.

Peço desculpa, não foi por mal, confesso que não foi por mal.

Risos do Deputado do PSD Gonçalo Dinis Capitão.

Agora, sinceramente, eu acho que nós, quando queremos respeitar as outras bancadas parlamentares, temos também de nos dar ao respeito. E esta intervenção foi faltar ao respeito, não só à bancada do Chega, não só ao Deputado Rui Cristina, não só ao líder do partido, André Ventura, foi faltar ao respeito a todos estes Deputados eleitos pelo povo português.

Aplausos do CH.

Protestos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Vamos voltar, então, aos trabalhos. Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Cristina, até 3 minutos, para responder aos dois pedidos de esclarecimento que teve.

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Muito obrigado Sr. Presidente, quero agradecer as questões do Sr. Deputado André Rijo e do Sr. Deputado André Capital.

Protestos do PSD.

Risos do CH.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Capitão!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Capitão, peço desculpa — Capitão! Já denotamos que há um grande nervosismo dos partidos do sistema, do Partido Socialista e do Partido Social Democrata. O que me faz espécie é que dois partidos, que estão à frente do sistema há mais de 50 anos, há cerca de 50 anos,…

O Sr. **Jorge Botelho** (PS): — E tu, onde é que estavas?

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Eras pequenino!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … nós somos um partido com 6 anos.

Protestos do PSD.

Somos um partido com 6 anos, estamos aqui de cara lavada, a verdade é essa. Nós triplicámos os resultados, elegemos mais de 100 vereadores, ganhámos três câmaras municipais. Por isso, as coisas são feitas… Como vocês sabem,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O PS só perdeu!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … a democracia é feita passo a passo. Não tenham medo de nós, porque nós não vos iremos fazer mal, iremos apenas combater-vos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bem!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Ui, que medo!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — É isso que nós iremos fazer!

Aplausos do CH.

E já começou, na Câmara Municipal de Albufeira, onde vocês governaram. O Partido Social Democrata governou, durante 24 anos, um concelho que é dos mais ricos de Portugal, um concelho que ficou estagnado, um concelho que deixou de governar para as pessoas.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Nós faremos a diferença,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bem!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … iremos personificar essa mudança, na minha pessoa e no partido Chega.

Podem tentar, podem tentar continuar a denegrir-nos, mas nós estamos aqui por quem votou em nós, nós estamos aqui pelos munícipes e vamos fazer toda a diferença, em prol dos portugueses,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … sem quaisquer interesses instalados.

Aplausos do CH.

Agora, relativamente ao Partido Socialista: o Partido Socialista atacou, veemente, aqui o líder do meu partido, mas vamos aqui a contas.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Perdeu 150 000 votos, perdeu mais de 100 eleitos, perdeu 21 câmaras, perdeu 300 eleitos municipais, 800 eleitos nas freguesias.

O Sr. **André Rijo** (PS): — E ainda assim?!…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Haja vergonha!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — Haja vergonha, não é? Temos de saber fazer contas, porque as contas têm de ser feitas.

Aplausos do CH.

Protestos do PS.

E o Partido Social Democrata, na voz do Sr. Deputado Gonçalo Capitão. Sr. Deputado Gonçalo Capitão, sabe que eu já o sigo há muitos anos, sabe que eu tenho bastante respeito por si, mas esperava um bocadinho mais de urbanidade da sua parte,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem!

Risos do Deputado do PSD Gonçalo Dinis Capitão.

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … porque, realmente, eu prefiro ter *OnlyFans* do que ter suspeitos corruptos.

Aplausos do CH.

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

Está a perceber? Essa é que é a diferença. Está a ver a diferença? É só isso. Peço imensa desculpa, mas é a realidade.

Aplausos do CH, de pé.

Há uma coisa que eu vos vou dizer ,para terminar: a transformação já começou, o primeiro passo foi lançado, a semente vai crescer, e daqui a quatro anos não serão 3 autarquias, serão muitas mais,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bem!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Estaremos cá para ver!

O Sr. **Rui Cristina** (CH): — … porque os portugueses estão do nosso lado.

Aplausos do CH, de pé.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — A próxima declaração política é do Sr. Deputado Filipe Sousa, representante do JPP. Tem até 6 minutos para o efeito.

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: Vivemos um tempo decisivo para Portugal, um tempo em que a política precisa, mais do que nunca, de um choque de responsabilidade, de proximidade e de verdade. Vivemos um tempo em que o cidadão olha para este Parlamento e, com razão, pergunta: o que é que eles fazem por nós? E, verdade seja dita, é legítimo que o povo português pergunte, porque vemos promessas que se evaporam, programas de Governo que, muitas vezes, se reduzem a *slogans*, a uma distância cada vez maior entre quem decide e quem vive, e entre Lisboa e o resto do País.

Portugal precisa de uma política com «P» grande, de uma política que sirva as pessoas e não os partidos, de uma política que construa soluções e não apenas discursos, e de uma política que desenvolva a democracia, o rosto humano que nunca devia ter perdido.

O JPP, desde a sua fundação, afirmou uma convicção simples e inabalável: não basta criticar, é preciso construir. E é por isso que aqui estamos, para ajudar a trazer a esta Casa a voz de quem não tem voz. A voz das regiões, a voz das autonomias, dos jovens, das forças de segurança, das comunidades, enfim, de todos aqueles que só veem o Estado aparecer quando há eleições.

Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, enquanto se discutem pastas, cargos e lugares, o País real desfaz-se em silêncios. Nos centros de saúde faltam médicos, e faltam muitos! Nas escolas, professores esgotados lutam para ensinar com dignidade. Nas forças de segurança, homens e mulheres dão tudo, sem meios, sem reconhecimento, e muitas vezes sem esperança. E em muitas situações, quando o Estado falha, são as autarquias e as populações que seguram o País às costas, com sacrifício, com esforço e com amor à sua terra.

Mas descentralizar não é despejar responsabilidades, descentralizar é dar meios, descentralizar é confiar. E é precisamente isso que continua a faltar confiança nas pessoas, confiança nas instituições locais, confiança nas regiões autónomas.

Portugal permanece preso a uma visão centralista de Lisboa e do poder. Uma visão que ignora a Madeira, os Açores, o interior e todas as regiões que não aparecem no mapa da política mediática. É tempo de romper, de uma vez por todas, com esta lógica do centro-metrópole, porque Portugal não é só o Terreiro do Paço.

Nós, no JPP, acreditamos que governar é servir. É servir e é ouvir. Servir é ter coragem de dizer o que não é popular e servir é fazer o que é justo, mesmo quando isso custa.

Por isso, Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Portugal não precisa de mais discursos inflamados, nem de guerras partidárias. Portugal precisa de soluções reais, de políticas públicas, com rosto e, acima de tudo, com coração. Precisa de respostas para as famílias que não conseguem pagar a sua casa, para os jovens que procuram um emprego digno e uma habitação acessível, para os idosos que esperam meses por uma consulta e se sentem completamente marginalizados e esquecidos, e para uma classe média que trabalha, que paga, que sustenta e que continua cada vez mais empobrecida e endividada.

A política tem de voltar a ser exemplo e esse exemplo começa aqui, dentro deste Parlamento. E é precisamente neste espírito que devemos encarar os próximos desafios do País, com responsabilidade, com sentido de Estado e com uma visão clara de futuro. O Orçamento do Estado para 2026 será a prova concreta dessa responsabilidade coletiva, mais do que um exercício de contas, deve ser um instrumento de confiança, de justiça social e de coesão territorial. Um Orçamento que olhe para o País inteiro, que invista nas pessoas e

que prepare Portugal para os tempos difíceis que aí vêm. Por isso, porque governar é planear, é priorizar, é escolher, cada escolha deve colocar o bem comum acima de qualquer cálculo partidário.

Estarei aqui para continuar a ser uma voz independente, construtiva e coerente. Não estamos aqui para fazer número, estamos aqui para fazer diferente e marcar a diferença. Portugal precisa de nós, neste Parlamento, e não se trata de jogos, de caprichos ou de guerras partidárias. Trata-se de olhar para o País como ele realmente é, de encarar a responsabilidade que nos foi confiada e de agir com coragem, porque o destino de milhões depende das nossas escolhas.

Portugal não pode esperar mais. À urgência da dura realidade que bate à nossa porta, somos chamados a agir com consciência, porque cada omissão pesa sobre milhões de vidas, porque Portugal merece mais. Portugal merece melhor. Portugal merece um Estado que volte a estar ao lado das pessoas.

E termino com a seguinte citação: «Por detrás de cada passo firme, há batalhas que ninguém viu.» E, com esta citação, quero deixar e endereçar aqui os parabéns a todos os portugueses, os mais sinceros parabéns ao poder local democrático e, acima de tudo, também, os meus sinceros parabéns a todos os vencedores destas eleições autárquicas.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado, tem quatro pedidos de esclarecimento. Quer responder como? Responde a dois e depois a outros dois?

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sim, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Vamos, então, a isso.

O primeiro pedido de esclarecimento será do Grupo Parlamentar do PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Neves, que dispõe de até 2 minutos.

O Sr. **Paulo Neves** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Filipe Sousa, não é a primeira vez que lhe vou dizer o seguinte — já tive oportunidade de lhe dizer uma vez na televisão, na Madeira: o Sr. Deputado tem uma tentação errada, na minha opinião, de julgar que a República começou agora, com a sua chegada.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Neves** (PSD): — Não é verdade, Sr. Deputado!

O Sr. **Paulo Moniz** (PSD): — Bem lembrado! Bem lembrado!

O Sr. **Paulo Neves** (PSD): — A República já tem 50 anos e a maior parte dos partidos que aqui estão tem exatamente essa idade, neste Parlamento. O Sr. Deputado é que chegou agora, não fomos nós. Nós já cá estávamos, e a trabalhar pelas instituições da República.

Quero-lhe dizer, aliás, que se há partido que dignifica a República, que dignifica as instituições da República, seja a Assembleia da República, sejam os Parlamentos da Madeira e dos Açores, é precisamente o Partido Social Democrata.

E se o Sr. Deputado necessitar de exemplos, eu vou-lhos dar: o maior partido em Portugal, na Assembleia da República, somos nós, o PSD. O maior partido na Assembleia Legislativa da Madeira, somos nós, o PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E então na Madeira! Na Madeira até correu bem!

O Sr. **Paulo Neves** (PSD): — O maior partido na Assembleia Legislativa dos Açores, somos nós, o PSD. O maior partido nas autarquias nacionais, somos nós, o PSD. Portanto, Sr. Deputado, como deve imaginar, quando o senhor fala em política com um «P» grande, é exatamente a primeira letra deste partido, o «P», de PSD.

Mas termino também, dizendo-lhe que seja justo. Nós temos à frente deste Parlamento uma pessoa que dignifica esta Assembleia da República, José Pedro de Aguiar-Branco. Temos uma pessoa que dignifica o Parlamento da Madeira, que é a sua Presidente, Rubina Leal. E temos também um Presidente do Parlamento açoriano, Luís Garcia, que dignifica as instituições nos Açores.

Portanto, Sr. Deputado, seja bem-vindo, 50 anos depois, àquilo que o PSD faz, que é exatamente dignificar a República e as instituições da República.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimento é do Grupo Parlamentar do Partido Socialista. Tem a palavra a Sr.ª Deputada Sofia Canha, que dispõe de 2 minutos para o efeito.

A Sr.ª **Sofia Canha** (PS): — Sr. Presidente, muito boa tarde Sr. Deputado Filipe Sousa, tem tido um percurso político no palco regional e autárquico onde o contacto direto com as populações o fez melhor conhecedor dos temas que mais afligem as pessoas, e acredito nas suas boas intenções e propósitos.

Mas, por diversas ocasiões, o Sr. Deputado tem manifestado uma clara intenção e posicionamento equidistante de qualquer matriz ideológica de esquerda ou de direita.

Compreendo que, na gestão autárquica, a matriz ideológica possa ficar esbatida, perante a necessidade urgente e interesse do autarca em dar respostas concretas e rápidas aos problemas, com as limitações de recursos e instrumentos que têm. Mas, estando agora no outro palco político, na Assembleia da República, onde as matrizes de esquerda e de direita se confrontam e determinam a adoção de políticas públicas, pergunto se já se definiu ideologicamente ou irá continuar a tomar iniciativas para cumprir agenda, conquistar um espaço político indefinido, recorrendo inclusivamente a formatos populistas e propagandísticos.

Não se deixe apanhar, Sr. Deputado, por essa onda de populismo. Concentre-se naquilo que faz bem, que é representar quem o elegeu, sem demagogia.

Mas gostaria que nos dissesse quais são, então, as suas bandeiras em termos de políticas públicas, em particular para a Madeira, e o que é que o Sr. Deputado vem acrescentar de valor à política, ao palco político nacional.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder a estes dois pedidos de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Filipe Sousa, que dispõe de 3 minutos.

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, quero agradecer ao Sr. Deputado Paulo Neves e à Sr.ª Deputada Sofia Canha as perguntas colocadas.

Confesso que me sinto feliz pelo facto de perceber que as minhas poucas palavras — simples e sentidas — que tenho proferido nesta Assembleia estão a provocar incómodos naqueles partidos que, muito sinceramente, se acomodaram perante os problemas que afligem o círculo eleitoral pelo qual fui eleito com muita honra, que é o círculo da Madeira.

Mas não me vou cingir somente ao círculo da Madeira, Srs. Deputados. É verdade que o Sr. Deputado Paulo Neves, num recente programa televisivo na Região Autónoma da Madeira, frisou que a República tem 50 anos e que o PSD faz parte da fundação dessa República, mas a mim não me move essa retórica, Sr. Deputado; a mim, o que me importa é, quando passo na rua, seja no Funchal, seja em Santa Cruz, seja em Lisboa, sentir o carinho das pessoas. E se o carinho que eu sinto em Lisboa começa a aumentar é sinal de que a voz deste simples madeirense está a surtir efeito.

Por isso, Sr. Deputado Paulo Neves, eu vou continuar com esta minha postura, coerente e, acima de tudo, respondendo aos anseios da população do círculo eleitoral por onde fui eleito.

Quanto à Sr.ª Deputada Sofia Canha, comungo de toda essa dialética, mas há uma questão que acho importante o Partido Socialista interiorizar: os tempos mudaram. Eu fui autarca durante 12 anos numa autarquia completamente falida, gerida pelo PSD durante mais de 30 anos, e a recuperação financeira, falando aqui das políticas públicas, tem muito a ver com a autonomia do poder local, a qual, muitas vezes, o Partido Socialista não reconhece.

Eu fui pressionado — e digo-o sem qualquer tipo de preconceito —, por partidos que governaram e governam autarquias desde o 25 de Abril, para que as contas públicas do município a que eu tive o privilégio de presidir fossem completamente invertidas. E eu sei daquilo que falo.

A autonomia do poder local, Sr.ª Deputada, e a autonomia que eu senti e sinto no partido que eu muito sinceramente represento, que é o JPP, tem uma intervenção na autonomia completamente diferente da de todos os partidos do arco da governação. Por isso, a minha consciência está perfeitamente tranquila,…

O Sr. **Paulo Neves** (PSD): — A nossa também!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … irei ser o porta-voz de todas aquelas pessoas daquelas ilhas, com quem eu sempre falei durante a campanha eleitoral no que diz respeito à resolução dos problemas que afligem este País, e esta simples voz será sempre em coerência com esse objetivo.

Portanto, a minha…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Sr. Deputado, ainda vai ter mais tempo a seguir, porque vamos passar à segunda ronda.

Para o primeiro pedido de esclarecimento, dou a palavra ao Sr. Deputado Jorge Pinto, do Livre, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Filipe Sousa, eu não sou madeirense, acho que a minha pronúncia me delata, mas tenho também perguntas para lhe fazer.

Começo por concordar com o Sr. Deputado quando diz que estas eleições são realmente diferentes e distintivas de todas as outras. Basta ver, por exemplo, os resultados do Chega nos seus mais de 50 Deputados, que foram também eles candidatos autárquicos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vocês, zero!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — É comparar o resultado que tiveram há uns meses com o resultado que agora têm. Infelizmente para os próprios, felizmente para o País, ainda não é possível replicar o Dr. André Ventura por todas as candidaturas.

Protestos do CH.

André Ventura este que, por sinal, apareceu em todos os cartazes, que ia a estas apresentações, que não se referia sequer a estes candidatos, mas, infelizmente para vocês e felizmente para nós, isso não funcionou.

Vozes do CH: — Vocês, zero! Zero!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Mas também não consigo deixar de referir a ironia ao ouvir o Deputado Rui Cristina, talvez o novo rapaz-póster do Chega,…

Protestos de Deputados do CH.

… a falar do sistema, a falar «quando o Chega foi criado», nós isto, nós aquilo…

Ó Srs. Deputados, onde é que estava o Deputado e agora Presidente de Câmara Rui Cristina, quando o Chega foi criado?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O que é que isso interessa?

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Em que partido é que o Sr. Deputado estava quando o Chega foi criado?

Protestos do CH.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Olha, abriu os olhos!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Porque, realmente, o Chega não gosta do sistema, mas aquilo que o Chega é, e que mostra cada dia, é que é, efetivamente, o pior do sistema, todos os dias.

Aplausos do L.

E falta de vergonha, essa também não lhe falta.

Vozes do CH: — Zero, igual a zero! Vocês valem zero!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Tenham calma que é a primeira derrota de muitas. Virão mais, virão mais, não se preocupem. Do que de nós depender, virão muitas mais.

Protestos do CH.

Sr. Deputado Filipe Sousa, a minha pergunta é relativa àquilo que é um imperativo constitucional: a regionalização. Nós, no Livre, defendemos acerrimamente a Constituição, porque, como o Sr. Deputado dizia, a política tem e pode ser feita próxima dos cidadãos, e nós sabemos que a melhor maneira de o fazer é ter regiões administrativas criadas.

Portanto, Sr. Deputado, a minha pergunta é: podemos contar com o seu apoio para avançar com o cumprimento da Constituição no que diz respeito à regionalização?

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — O próximo pedido de esclarecimento é do Sr. Deputado Francisco Gomes, do Chega, que dispõe de 2 minutos.

Tem a palavra, Sr. Deputado.

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Filipe Sousa, agradeço as palavras em que congratula os vencedores destas eleições e nelas me revejo.

O Chega foi o único partido que foi sozinho — o único que foi sozinho — a todas as câmaras da Madeira.

Aplausos do CH.

Foi o único que apresentou os candidatos mais jovens às eleições autárquicas na Madeira e aquele que entregou a este partido a sua primeira câmara. Vem da Madeira, vem com a marca do Chega na Madeira.

Aplausos do CH.

Em 16 anos há uma grande diferença: o seu partido na Madeira só tem decrescido. O Chega só tem crescido.

Aplausos do CH.

E fomos a São Vicente fazer a festa que você nunca fez. Ganhámos São Vicente.

Aplausos do CH.

Mas digo-lhe uma coisa: registo com felicidade a intervenção da Deputada Sofia Canha. Vocês já nem os socialistas enganam.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Toda a gente já percebeu o que vocês vieram aqui fazer. Por baixo dessa capa de falsa humildade, vocês vieram para aqui fazer uma aliança com a extrema-esquerda.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — São comunistas disfarçados e até precisam do Livre, um partido que vale zero na Madeira, para vir cá defender-vos. Nem isso vocês sabem fazer!

Aplausos do CH.

Protestos do L.

Fala de servir a região e de servir o País. Dá-nos essa lição de servir o País. Deixe-me perguntar-lhe: o que é servir a região ou o País? É não tocar o hino regional nos feriados, porque é isso que a JPP faz? É fazer concursos à revelia do Tribunal de Contas, porque é isso que a JPP faz? É fazer concursos à medida dos membros do partido, porque é isso que a JPP faz? É dedicar 50 000 € a órgãos de comunicação social, porque é isso que a JPP faz? É adjudicações de 122 000 € a comentadores da RTP (Rádio e Televisão de Portugal), porque é isso que a JPP faz?

Aplausos do CH.

Tenho um resumo para si, de acordo com as palavras do seu ex-vice-presidente: «O JPP foi a maior desilusão política da minha carreira.»

É isso, Sr. Deputado. Fica aqui. Dia 18 fazemos contas.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Filipe Sousa.

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sr. Presidente, quero agradecer ao Sr. Deputado Jorge Pinto e ao Sr. Deputado Francisco Gomes as questões colocadas e dizer, como inicialmente disse, que me sinto feliz pelo facto de despertar consciências e, acima de tudo, de estar aqui com uma voz simples e honesta a tentar resolver os problemas que afligem o País.

Sr. Deputado Jorge Pinto, regionalização, sim. Eu sempre fui um defensor da regionalização. Aliás, o JPP está a trabalhar num projeto nesse sentido, com os meios que temos ao nosso alcance e, seguramente, não digo neste ano, mas logo após a discussão do Orçamento do Estado para 2026, poderemos ter a oportunidade de, em sede própria, discutir uma proposta que vá no sentido de encararmos a regionalização como uma das soluções para resolver e dar sentido à população deste País.

Portanto, Sr. Deputado Jorge Pinto, sim, encaro com muita responsabilidade a regionalização — aliás, essa foi uma das nossas promessas em termos de programa eleitoral.

Quanto ao Sr. Deputado Francisco Gomes é assim: eu, como madeirense que fui e que sou,…

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Eu também! Há sete madeirenses aqui dentro!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … sempre respeitei — aliás, isso poderá ter a ver com a minha educação — qualquer partido e qualquer representação partidária, independentemente de ser da extrema-esquerda ou da extrema-direita.

Protestos do Deputado do CH Francisco Gomes.

Por isso, Sr. Deputado, quando quiser falar de Santa Cruz, terá de se colocar em sentido.

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Vocês que se entendam!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Esta era uma expressão, Sr. Deputado Francisco Gomes, que na minha vida militar as hierarquias sempre me ensinaram: falar com o adversário em sentido,…

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Nem os candidatos se entendem!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … porque, Sr. Deputado Francisco Gomes, eu estou nesta Casa não com discursos ensaiados,…

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Eu também não, foi de improviso!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … eu estou nesta Casa com o coração e, acima de tudo, com responsabilidade. O Sr. Deputado nunca me vai ver ensaiar discursos, nunca me vai ver a mostrar papelinhos,…

Protestos do CH.

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Vocês fazem isso a toda a hora! Vocês andam aos papéis!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … porque, acima de tudo, aquilo que me move, por um lado, é responder e tentar resolver os problemas da população do círculo por onde fui eleito, que é a ilha de Madeira, e, por outro lado, também contribuir para resolver os problemas que afligem este País.

Portanto, a minha missão, Sr. Deputado, é esta. Nada me move contra a extrema-direita ou contra a extrema-esquerda,…

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — E vocês são a extrema-esquerda!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — … desde que eu vislumbre que…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

O Sr. **Presidente** (Rodrigo Saraiva): — Srs. Deputados, terminamos, assim, a nossa ordem de trabalhos de hoje.

A próxima reunião será amanhã, às 15 horas, com a seguinte ordem do dia: ponto 1 — Fixação da ordem do dia, requerida pelo PS, sobre «Educação» com a discussão conjunta das seguintes iniciativas: Projeto de Lei n.º 214/XVII/1.ª (PS) — Aprova o regime de direção, gestão e administração dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário; os Projetos de Deliberação n.os 14/XVII/1.ª (PS) — Solicita ao Conselho Nacional de Educação a elaboração de um estudo que perspetive a revisão do Estatuto do Aluno e Ética Escolar, 293/XVII/1.ª (PS) — Recomenda ao Governo que estabeleça mecanismos permanentes de monitorização, acompanhamento e avaliação no âmbito da transferência de competências para os municípios na educação; 294/XVII/1.ª (PS) — Recomenda ao Governo que proceda à revisão estruturada e abrangente da carreira da Inspeção-Geral da Educação e Ciência; 291/XVII/1.ª (PS) — Recomenda ao Governo que valorize os assistentes operacionais e os assistentes técnicos, revendo o rácio nas escolas e definindo os conteúdos funcionais adequados; 295/XVII/1.ª (PS) — Recomenda ao Governo que garanta o reconhecimento do tempo de serviço efetivo prestado pelos docentes do ensino superior nas mesmas circunstâncias das previstas no Decreto-Lei n.º 51/2024, de 28 de agosto; 296/XVII/1.ª (PS) — Recomenda ao Governo que garanta a correção das ultrapassagens na progressão da carreira, assegurando a contabilização de todo o tempo de serviço dos professores; os Projetos de Lei n.os 253/XVII/1.ª (PAN) — Consagra a possibilidade de existirem dois encarregados de educação dos alunos no caso de residência alternada, procedendo à alteração à Lei n.º 51/2012, de 05 de setembro; 256/XVII/1.ª (PCP) — Gestão democrática dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário; 258/XVII/1.ª (JPP) — Aproxima o regime de mobilidade por

doença à sua natureza de proteção e equipara a prioridade dos docentes cuidadores de filhos com deficiência profunda, procedendo à alteração do Decreto Lei n.º 41/2022, de 17 de junho (na redação do Decreto-Lei n.º 43/2025, de 15 de abril); 265/XVII/1.ª (BE) — Regime de direção, gestão e administração dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e do ensino básico e secundário (altera o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril); 266/XVII/1.ª (BE) — Cria a carreira especial de técnico auxiliar de educação; 272/XVII/1.ª (L) — Autonomiza a carreira especial dos inspetores da educação; 273/XVII/1.ª (L) — Garante justiça e formação nos estágios do Mestrado em Ensino; os Projetos de Resolução n.os 66/XVII/1.ª (CH) — Recomenda ao Governo que reponha a justiça e equidade na carreira docente; 324/XVII/1.ª (IL) — Revisão imediata dos valores de apoio aos contratos de associação, patrocínio e cooperação, bem como às escolas profissionais privadas; 325/XVII/1.ª (CH) — Recomenda ao Governo a adoção de medidas para a regularização dos vínculos laborais precários dos técnicos especializados em estabelecimentos de ensino público; 332/XVII/1.ª (PCP) — Recomenda a adoção de medidas de valorização dos trabalhadores da educação e da escola pública; 350/XVII/1.ª (PSD, CDS-PP) — Recomenda ao Governo a correção de injustiças na carreira docente; e 351/XVII/1.ª (PSD) — Recomenda ao Governo a valorização das tarefas educativas dos assistentes técnicos e assistentes operacionais das escolas.

Ponto 2 — Votações.

Srs. Deputados, está encerrada a sessão.

Eram 18 horas e 15 minutos.

Presenças e faltas dos Deputados à reunião plenária.

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.